

Aníbal Pinto de Castro
Professor da Universidade de Coimbra
Director da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra

DE MONTEMOR-O-VELHO ÀS ILHAS DO JAPÃO

A Peregrinação de Fernão Mendes Pinto
e o Encontro de Culturas

Prefácio de
Manuel Viegas Abreu

**FROM MONTEMOR-O-VELHO
TO THE ISLANDS OF JAPAN**
The *Peregrinação* of Fernão Mendes Pinto
and the Meeting of Cultures



COIMBRA
1993

Aníbal Pinto de Castro
Professor da Universidade de Coimbra
Director da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra

DE MONTEMOR-O-VELHO ÀS ILHAS DO JAPÃO

A Peregrinação de Fernão Mendes
Pinto e o Encontro de Culturas



The *Peregrinação* of Fernão Mendes
Pinto and the Meeting of Cultures

FROM MONTEMOR-O-VELHO TO THE ISLANDS OF JAPAN

Prefácio de

Manuel Viegas Abreu

Professor da Universidade de Coimbra
Presidente da Comissão de Coordenação da Região Centro

Comissão de Coordenação da Região Centro

COIMBRA • 1993

ISBN: 972-569-037-0
Depósito Legal nº: 62 852/93

Ficha Técnica

Título: DE MONTEMOR-O-VELHO ÀS ILHAS DO JAPÃO
A Peregrinação de Fernão Mendes Pinto e o Encontro de Culturas
Responsável pela edição: Eng^o António José Cardoso
Tradução e revisão: Jean Burrows / Elena Zagar
Capa: Vítor Duarte (fotografia da capa gentilmente cedida pelo Arquivo Nacional de Fotografia)
Composição: Vítor Duarte
Secção de offset: *Montagem:* Adelino Bandeira
Transporte: Henrique Taborda
Impressão: Joaquim Felício

Edição da
COMISSÃO DE COORDENAÇÃO DA REGIÃO CENTRO
Rua Bernardim Ribeiro, 80 – 3000 COIMBRA
Telefone (039) 400198/9 Fax: (039) 72 37 57

PREFÁCIO*

*Os portugueses somos do Ocidente
Imos buscando as terras do Oriente*

Luís de Camões, *Os Lusíadas*
Canto I, 50

A conferência que o Doutor Aníbal Pinto de Castro, Professor Catedrático da Universidade de Coimbra, aceitou proferir, inserida no conjunto de iniciativas de difusão das realidades e potencialidades socio-económicas e culturais da Região Centro que, à falta de melhor epíteto, designámos por *Semana da Região Centro de Portugal em Sevilha*, visa alcançar um dos principais objectivos que motivou a Comissão de Coordenação da Região Centro a aceitar o desafio de cooperação que lhe foi dirigido pelo Senhor Jean Pierre Raffarin, deputado do Parlamento Europeu e Presidente do Conselho Regional de Poitou-Charentes. Com efeito, ao acedermos à repetida solicitação de organizarmos na "Casa Andaluza" ou "Espaço de Poitou-Charentes em Sevilha" uma mostra da Região Centro, no contexto da *Exposição Universal de Sevilha 92*, pareceu-nos indispensável seleccionar e articular um conjunto de

* O presente texto reproduz, com ligeiras alterações, a Apresentação que o autor fez do Prof. Doutor Aníbal Pinto de Castro na noite de 29 de Setembro de 1992, no *Consulado-Geral* de Portugal em Sevilha.

actividades de índole diversa, umas voltadas para a comunicação e intercâmbio entre empresários e agentes de actividades produtivas e comerciais, e outras, como a exposição *Quatro Pintores da Região Centro* e esta conferência que vamos ouvir, orientadas predominantemente para a difusão e valorização do nosso património histórico e da nossa criatividade estética e poética. Umas e outras, na aparente diversidade dos seus objectivos, articulam-se e complementam-se entre si, convergindo para idêntica finalidade.

Com efeito, às iniciativas seleccionadas, na heterogeneidade da sua natureza, subjaz um fio condutor que não é apenas tecido pela assunção do processo de integração de diversos sectores, materiais e imateriais, como via adequada ao desenvolvimento equilibrado das pessoas e das comunidades, na medida em que tem, como um dos seus componentes fundamentais, no contexto comemorativo da Exposição de Sevilha, a evocação e o reconhecimento do papel das grandes navegações marítimas dos povos peninsulares.

Numa época marcada por uma aceleração vertiginosa da história, pouco propícia à reflexão retrospectiva, lembrar ou tornar presente à nossa memória de europeus as raízes longínquas da *construção da nova Europa*, raízes que tecem a história dos povos da Comunidade nas suas relações com outros povos e culturas, apresenta-se-nos como uma via para a indispensável consciencialização da diversidade e da especificidade dos contributos de cada um dos povos da comunidade para o património histórico e cultural comum, em que se funda a *identidade* da Europa: uma identidade polimorfa, irrequieta, em contínuo movimento de superação de dificuldades e de aperfeiçoamento.

Para ser sólido, o edifício da nova Europa, que pacientemente está em construção, tem necessariamente que apoiar-se em *fundações matriciais* de grande significado existencial e simbólico, partilhado por todos os povos da comunidade como sua herança comum. Se esta herança de feitos e de projectos não passar a existir na memória, na consciência e na representação social dos povos da comunidade, frágil será o resultado a obter por lhe faltar *a vivência da comunhão de uma experiência de vida em que o passado, o presente e o futuro se interpenetram numa unidade funcional integradora das dimensões do tempo*, capaz de gerar projectos de grande dinamismo mobilizador da participação das pessoas e das comunidades.

É na consideração deste contexto que a conferência do Doutor Aníbal Pinto de Castro, professor brilhante, investigador rigoroso e académico de mérito, Director da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra e aqui também em representação do seu Magnífico Reitor, se enquadra em pleno, não pretendendo estas considerações preambulares alcançar outro objectivo se não o de lhe realçar o seu significado e valor prospectivo.

Por outro lado, na selecção das actividades da *Semana da Região Centro em Sevilha*, não podíamos ser insensíveis a duas circunstâncias a que atribuímos particular significado. A primeira reporta-se ao facto de se situar na Região Centro de Portugal a vila de Montemor-o-Velho, terra Natal de Fernão Mendes Pinto, navegador, comerciante, diplomata e escritor, membro do grupo de navegadores portugueses que pisou pela primeira vez terras japonesas, aí introduzindo inovações tecnológicas de grande repercussão na vida social, política e cultural do Japão. Por outro lado, e referimo-nos à segunda

circunstância a que aludimos acima, procurámos deste modo corresponder ao reconhecimento da importância histórica daquele evento que os japoneses testemunham quer internamente, celebrando todos os anos, em Tanegashima, por intermédio da "Festa das Espingardas" a chegada dos Portugueses ao seu território, quer externamente, como agora, no Pavilhão do Japão na Exposição Universal de Sevilha, em que esse reconhecimento esteve assinalado com significativo relevo.

A chegada dos portugueses a Tanegashima ou Ilha de Tanega, em 1542 ou, mais seguramente, em 1543, constitui um acontecimento de significado histórico-cultural relevante, com maior impacto na vida do povo nipónico do que propriamente no mundo ocidental. Aqui, as viagens dos navegadores e dos comerciantes continuaram a ser polarizadas pela exploração das Índias Orientais e do Continente Americano, a que Colombo arribou pensando tratar-se do território das primeiras. As longínquas terras da Malásia, da China e do Japão requeriam tempo, engenho e coragem na concretização de um projecto de comunicação entre os homens que lhes alterou a imagem do mundo e a sua própria imagem. Das navegações pelas "sete partidas do mundo", dos seus êxitos e fracassos, dos encontros e dos desencontros, das missões cumpridas e dos projectos que ficaram por acabar, deixou-nos Fernão Mendes Pinto uma longa narração a que deu o nome significativo *Peregrinação*. Há nela marcos e sinais memoráveis de uma abertura, encontro e comunicação entre povos e culturas diferentes que, suspensa ou interrompida durante três séculos, aguarda a hora de ser retomada, ampliada e renovada, neste final de século e no horizonte promissor da alvorada do século XXI.

A solidez da construção da Europa passa também pela renovação desta abertura de Portugal ao Mundo, pelo

reconhecimento do valor recíproco que decorre do encontro de culturas e pela inestimável riqueza da comunicação entre os povos que possibilita a consciência de uma *comunhão* de origem, de condição e de destino.

Antes de concluir, permitam-me que uma vez mais agradeça ao Doutor Aníbal Pinto de Castro a total disponibilidade com que aceitou o convite, apesar das suas numerosas actividades e solicitações, o que tomo por testemunho de antiga Amizade que nestas provas se renova e robustece.

Gostaria de reiterar igualmente os meus agradecimentos ao Senhor Cônsul Geral de Portugal em Sevilha, Dr. Manuel Côrte-Real, que, desde a primeira hora, acolheu com entusiasmo a ideia de a realização desta Conferência ocorrer no Salão do edifício do Consulado, cujo restauro muito lhe deve e que, pela sua beleza, contribuiu para enriquecer esta iniciativa.

A ambos, pelos motivos expostos, e a todos os presentes exprimo, em nome pessoal e em nome da Comissão de Coordenação da Região Centro, sincero e inesquecível reconhecimento.

MANUEL VIEGAS ABREU
Professor da Universidade de Coimbra
Presidente da CCRC

DE MONTEMOR-O-VELHO ÀS ILHAS DO JAPÃO:

A *PEREGRINAÇÃO* DE FERNÃO MENDES PINTO
E O ENCONTRO DE CULTURAS

*Conferência proferida no Consulado
Geral de Portugal em Sevilha, integrada
na Semana da Região Centro, por
ocasião da Expo 92, a 29.IX.1992.*

DE MONTEMOR-O-VELHO ÀS ILHAS DO JAPÃO:

A PEREGRINAÇÃO DE FERNÃO MENDES PINTO E O ENCONTRO DE CULTURAS

Quando, por meados do século XVI, pisou pela primeira vez a terra do Japão, em Tanegashima, conta Fernão Mendes Pinto, no capítulo CXXXIII da *Peregrinação*, que o daimio local, a que chama Nautaquim, finda a primeira entrevista, pediu aos Portugueses: "àmenhã me ide ver a minha casa, e me levai um grande presente de novas desse grande mundo por onde andastes, e das terras que tendes visto, e o como se chamam, porque vos afirmo que essa só mercadaria comprarei mais a meu gosto que todas as outras"¹.

Seja qual for a carga de efabulação que porventura separe o facto assim narrado, da realidade que lhe serviu de fundamento, bem pode interpretar-se o pedido daquele longínquo potentado japonês de Quinhentos como um sinal paradigmático da força espiritual que, em todas as épocas da História, aproximou o Homem do seu semelhante, por muito grandes que fossem as diferenças de raça, cultura ou religião a separá-los! Pedido que, ao longo do tempo, não cessou de se repetir em todas

¹ *Peregrinação* [...] Introdução de Aníbal Pinto de Castro. Porto, Lello & Irmão, 1984, p. 359. Citarei sempre por esta edição, modernizando a grafia.

as latitudes, e a cuja resposta, por entre glórias e sombras, num misto de abnegado heroísmo e de erros nascidos da sua própria condição humana, os Portugueses deram generoso contributo, tornando o mundo mais pequeno, porque mais conhecido, nas rotas da terra e do mar, mas sobretudo através de uma osmose cultural que constitui verdadeiramente o plasma da Modernidade.

Realizações como esta da Exposição de Sevilha – 1992 são, afinal e ainda, uma espécie de resposta múltipla que, em tom de festa e de celebração, os povos dão, na actualidade, àquela mesma curiosidade que o daimio de Tanegashima manifestava, vão passados quatro séculos e meio, a Fernão Mendes Pinto e aos seus companheiros. E a nossa vinda aqui mais não é do que uma parte dessa resposta, pela qual procuramos aprofundar, para além do que os olhos do corpo vêem nos pavilhões de cada País, todos os elos que, do passado ao presente, deram e dão consistência a esse fenómeno de intercomunicação cultural, num encontro múltiplo, onde os interesses materiais, ainda quando não ausentes, cedem lugar àquela *Ropica pneuma*, àquela "mercadoria espiritual" de que falava João de Barros, o cronista do Oriente, num diálogo impresso em Lisboa, escassos anos antes de os Portugueses chegarem ao Japão.

Ora a *Peregrinação*, publicada pela primeira vez em 1614², é por certo um dos documentos mais significativos deste fenómeno de aculturação, de âmbito intercontinental, e Fernão

² Embora redigida, na sua forma definitiva, num período que pode situar-se entre fins de 1569 ou princípios de 1570 e, provavelmente, 1578 (Cf. a minha Introdução à ed. cit., p. XXII). Sobre a fortuna editorial da obra, tanto no original, como nas múltiplas versões que a deram a conhecer, total ou parcialmente, em espanhol, francês, alemão, inglês, italiano, neerlandês, sueco, checo, romeno e, naturalmente, em japonês, veja-se o exaustivo estudo de Fr. FRANCISCO LEITE DE FARIA, *As muitas edições da "Peregrinação" de Fernão Mendes Pinto*. Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1992.

Mendes Pinto, um dos exemplos mais perfeitos das andanças dos Portugueses pelo mundo em pedaços repartidos, como de si próprio disse Camões, numa personificação diferente mas nem sempre com aquela tão antagónica como por vezes se tem pretendido. Por isso a sua escolha para tema desta minha intervenção (da inteira responsabilidade do meu velho Colega e Amigo, Prof. Doutor Viegas Abreu, ilustre Presidente da Comissão de Coordenação da Região Centro), poderá dar, neste lugar e neste contexto, motivos a uma reflexão, que, feita das lições da História, possa servir de consciente fundamento à construção de um futuro onde os homens saibam viver segundo as exigências dessa fraternidade espiritual, sem postergar a essencial variedade das especificidades culturais que os definem como comunidades nacionais que essa mesma História legitimou, tantas vezes ao longo de milénios.

Ponto é que eu seja capaz de me desempenhar, perante Vs. Ex.^{as}, do encargo que ele de mim fiou!

*

* *

Fernão Mendes Pinto é, na verdade, o perfeito paradigma daquele português que, atraído pelos eldorados orientais de uma riqueza aparentemente fácil de alcançar, deixava a magreza do seu passadio de origem, em qualquer recanto perdido no interior do Reino, para lhe procurar remédio em andanças de perigo e de aventura, que o levavam da cálida sedução das feitorias do Malabar e da Insulíndia, aos fabulosos mistérios da China e do

Japão ou, mais tarde, à indolente opulência dos senhores de engenho disseminados pelos sertões do Brasil. Por homens como ele, quando conseguiam regressar e não apodreciam de escorbuto nas armadas da carreira da Índia, nem pereciam nos "naufrágios e perdições de toda a sorte", de que falava Camões, corriam em Cabeceiras de Basto aqueles pardaus que tanto afligiam Sá de Miranda, na famosa "carta" a António Pereira, o Marramaque, pelo abalo que causavam nos fundamentos tradicionais da velha sociedade lusitana simbolicamente representada nas "casas antigas" e nas "torres" onde se acoitava a nossa nobreza patriarcal³. Pela ausência de outros que, como ele, quando casados, partiam em Maio, quando o sangue novo *atiçava*, se multiplicavam os adultérios de muitas *Constanças* como aquela que Gil Vicente com tão certo chiste desenhou nos traços fortes do *Auto da Índia*.

Por eles, no entanto, se construíram e se difundiram também, pela palavra oral ou pelo texto escrito, na fértil imaginação da colectividade portuguesa, as visões de um mundo de aventura, de exotismo e de maravilha que haviam de dar à Europa imagens fabulosas do mítico Oriente,⁴ que encontrara

³ Dizia o Poeta do Neiva ao amigo, quando o viu partir "para a corte co' a casa toda":

Como eu vi correr pardaus
por Cabeceiras de Basto,
crescerem cercas e o gasto,
vi por caminhos tão maus,
tal trilha e tamanho rasto,

logo os meus olhos ergui
à casa antiga e à torre,
e disse comigo assi:
'Se Deus não, não val' aqui
perigoso imigo corre"

(*Obras completas*. Ed. Rodrigues Lapa. 2.^a ed. Lisboa, Sá da Costa, 1943, vol. II, p. 80-81).

⁴ Cf. Georges Le Gentil, *Fernão Mendes Pinto, un précurseur de l' exotisme au XVIe siècle*. Paris, Hermann & C.ie Éditeurs, 1947.

em Marco Paulo o seu primeiro grande revelador,⁵ mas que surgiam agora fortemente marcadas pela verdade de uma realidade vista e vivida de perto, ainda quando os seus criadores ou transmissores se deixavam arrastar pelo entusiasmo da invenção ou pelos fumos de uma vaidade tanto mais inofensiva quanto jactanciosa. Vejamos como e porquê, através do perfil do homem e das marcas específicas da obra nascida da sua vida⁶.

Nascera Fernão Mendes Pinto em Montemor-o-Velho, perto de Coimbra, entre 1509 e 1511, segundo se conclui das suas próprias declarações no capítulo inicial da *Peregrinação*, onde conta como, tendo já dez ou doze anos, um tio, desejoso de lhe proporcionar melhor fortuna do que aquela que o esperava "na miséria e estreiteza" da pobre casa paterna, o levava para Lisboa, quando ali se quebravam os escudos pelo falecimento de el-Rei D. Manuel I. A 13 de Dezembro de 1521, portanto.

Ficou o rapaz ao serviço de uma dama de nobre linhagem – como refere no mesmo lugar –, mas tudo sucedeu ao invés das intenções do generoso parente. É que, por acontecimento que não explica, viu-se forçado a fugir de casa, metendo-se numa caravela que saía para Setúbal, onde D. João III então se encontrava, fugido da peste que grassava em Lisboa. Em má hora o fez, porém. Por alturas de Sesimbra, foi o navio abalroado por piratas franceses e os seus ocupantes capturados para serem vendidos como escravos em Larache. Treze dias depois os corsários faziam nova presa numa nau que regressava de S. Tomé com valiosa carga de açúcar e de escravos, pelo que,

⁵ O manuscrito do "Marco Paulo, latim e linguagem, em hum volume" andava na livraria de D. Duarte, por oferta, ao que parece, de seu irmão o Duque de Coimbra D. Pedro, e saíria depois impresso, em 1502, em Lisboa, na oficina de Valentim Fernandes.

⁶ Sobre a biografia de F. Mendes Pinto e a base documental que permite estabelecê-la, veja-se a síntese que elaborei na Introdução à ed. cit. na nota 1, p. VI e segs..

mudando de planos, decidem tomar o rumo de França, lançando a maioria dos cativos na praia de Melides. Nus e descalços, foram as pobres vítimas dar consigo em Santiago do Cacém, onde os moradores, muito especialmente D. Brites de Noronha, mulher do comendador alcaide-mor da vila, lhes acudiram. De regresso a Setúbal, entrou o infortunado jovem ao serviço de Francisco Faria, fidalgo da casa do Mestre de Santiago, onde se conservaria durante quatro anos, findos os quais alcançou um lugar de moço de Câmara do Mestre, que era D. Jorge de Lencastre, filho bastardo do Rei D. João II. Ao fim de cerca de ano e meio, porém, vista a escassez da moradia, resolve embarcar para a Índia.

A 11 de Março de 1537, numa das cinco naus que nesse dia largaram do Tejo, rumo ao Oriente, começava a grande aventura de uma *peregrinação* que iria durar vinte e um longos anos!

Escassos seis meses depois, a 5 de Setembro, surgia a armada na barra de Diu e, volvidos apenas dezassete dias sobre a chegada, logo embarcava Fernão Mendes numa fusta para o Estreito de Meca, cumprindo assim a primeira etapa de um vagamundear pelo Oriente, que o havia de levar, em repetidas viagens de comércio, de pirataria, e até de diplomacia e de missionação, mas sempre de aventura, a Samatra, ao Sião, ao interior da China, à Tartária, ao Pegú, ao Calaminhão, a Java e ao Japão.

Pena é não podermos segui-lo agora ao longo de tais andanças que, por estranho que pareça, não atraíram ainda nenhum cineasta⁷. Seguindo a versão do próprio aventureiro,

⁷ Sobre o pormenor destas múltiplas e dilatadas viagens, veja-se Georges Le Gentil, op. cit., p. 31 e segs.; Visconde de Lagoa, *A "Peregrinação" de Fernão Mendes Pinto. Tentativa de reconstituição geográfica*, in "Anais da Junta de Investigações Coloniais", vol. II, n.º 1, 1947, p. 11-156 e Álvaro J. da Costa

não isenta – claro está – de fantasia, fixemo-nos tão-só nos seus vários contactos com o Japão, já em sintonia de festa com as próximas comemorações dos 450 anos desse primeiro encontro entre a tradição europeia e o antiquíssimo fulgor da cultura nipónica.

Nos começos de Janeiro de 1545, andava um grupo de portugueses a comerciar nos mares da China, aportando a Lampacau. Desavindos entre si, embarcaram oito deles, entre os quais se contava Fernão Mendes, no junco do corsário Samipochea, com a mira de assim alcançarem embarcação mais segura que os levasse de regresso a Malaca. A viagem, porém, foi tormentosa e o corsário viu-se obrigado a procurar mares mais calmos para Oriente, aportando à ilha de Tanegachima, a sul de Kiu-Xu, onde todos foram bem recebidos pelo Nautaquim, governador local. Aí se passa o famoso episódio da espingarda, manejada por um dos seus companheiros, chamado Diogo Zeimoto.

A pedido do "rei" de Bungo, vai Fernão Mendes a Fucheu (a moderna Funai), para tentar curá-lo da gota. É então que um filho do "rei" sofre um desastre com a espingarda do nosso aventureiro, ao querer experimentá-la, por tê-la carregado com excessiva dose de pólvora, fazendo-o passar um mau bocado, dado que foi considerado culpado do acidente. Mas tudo se resolveria em bem, porque o rapaz confessou ter sido o único culpado e porque, fazendo apelo aos seus conhecimentos empíricos de cirurgia, o dono da arma conseguiu curá-lo deixando-o sem grande deformidade nem aleijão. De regresso a Tanegachima, partem todos rumo a Liampó, na China. Aí dão a nova do achamento do Japão, onde logo decidem voltar em

Pimpão, "Introdução" a F. M. Pinto, *Peregrinação*. Nova ed., conforme a de 1614, Porto, Portucalense Editora, 1962, vol. I, p. XXIII-XXXIX.

viagem de comércio, posta a mira num fácil e rápido enriquecimento. A cobiça, porém, atrai-lhes grave castigo, porque o junco onde navegavam naufraga numa restinga do Léquio Grande, isto é, de Rhu-Kyû. São presos em Pongor e só ao fim de dois meses se vêem libertos, por piedosa intercessão de uma filha do Broquem, ou governador local, podendo então regressar a Líampó⁸.

Voltaria provavelmente ao Japão, vindo do Pegú e de Malaca, em data cuja fixação oferece dificuldades ainda não vencidas. Vale a pena dar-lhe a palavra, até para saborearmos um pouco da sua bela prosa:

" Eu com outros vinte seis companheiros nos fomos para Malaca, onde depois que chegámos, me detive eu um mês somente, e me tornei a embarcar para Japão com um Jorge Álvares natural de Freixo-de-Espada-Cinta, que em ua nau de Simão de Melo capitão da fortaleza ia para lá de veniaga, e havendo já vinte seis dias que velejávamos por nossa derrota com monção tendente de ventos bonanças, houve vista de ua ilha que se dizia Tanixumá [Tanegachima] , nove léguas ao sul da primeira ponta da terra Japão, e pondo a proa nela, fomos ao outro dia surgir no meio da angra, que é o surgidouro da cidade Guanxiroo, onde o Nautaquim príncipe dela por sua curiosidade, e por ver cousa nova que nunca ali vira, se veio logo a nosso bordo, e espantado do aparato e do velame da nau, por ser a primeira que fora a aquela terra, mostrou que folgava muito com a nossa vinda, e nos pediu por algumas vezes que quiséssemos aí fazer fazenda com ele, de que o Jorge Álvares e os mercadores se escusaram por causa de não

⁸ *Peregrinação*, caps. CXXXII- CXLIII (ed. cit., p. 355-392).

ser o porto seguro para a nau, se lhe sobreviesse qualquer temporal"⁹.

Chegado a Tanegachima, volta ao Bungo, e assiste a uma revolta contra o "rei" local. Passa entretanto à cidade próxima de Hiamangó, onde lhe não foi fácil vender a fazenda que levava, pela concorrência com os chineses que ali vinham também comerciar. Ocorreu entretanto forte tempestade durante a qual naufragou grande parte dos navios surtos no porto, o que, fazendo rarear as mercadorias, lhe permitiu vender vantajosamente quanto levava e partir duas semanas depois para a costa da China¹⁰.

Em Setembro de 1551, de novo encontramos Fernão Mendes Pinto a viajar para o Japão, na nau de Duarte da Gama, com mais trinta portugueses. Na cidade de Fucheu, capital do Bungo, se encontrou, a 12 desse mês, com S. Francisco Xavier, que ali chegava, vindo de Yamaguchi. São muito curiosas as notícias que dá acerca da actividade missionária do Santo Jesuíta, principalmente as que se referem às suas disputas teológicas com os bonzos¹¹. Como nota Costa Pimpão, o entusiasmo consagrado à figura e à acção do Apóstolo, até à sua morte, ocorrida na ilha de Sanchoão, a 3 de Dezembro de 1552, distrai o narrador das suas próprias andanças, deixando-nos sem saber se regressou com ele a Malaca, ou se continuou a viagem na nau de Duarte da Gama para ir invernar ao Sião¹².

Pouco depois iria dar-se na sua vida, já tão acidentada, um episódio de capitalíssima importância – a sua entrada na Companhia de Jesus, por um súbito acesso de exaltação religiosa.

⁹ Cap. CC (p. 579).

¹⁰ Caps. CC-CCII (p. 578-588).

¹¹ Caps. CCVIII-CCXIV (p. 608-635).

¹² Loc. cit., p. XXXVIII.

Conversões destas não eram caso raro no tempo, mas a de Fernão Mendes teve curta duração. Em Março de 1554 estava o nosso herói de aventura em Goa, vindo do reino de Sião. Desistira de mais longas andanças e, possuidor de avultado pecúlio, almejava pelo regresso à pátria, com o fito de constituir família (andaria já pelos 42 anos) e de repousar de tantos e tão sobressaltados anos passados no Oriente, pois lhe parecia que [sua] glória e felicidade estava em entrar em Montemor com nove ou dez mil cruzados", como diz na carta que, em 5 de Dezembro daquele ano, escreve de Malaca aos Padres e Irmãos da Companhia, por ordem do Padre Mestre Belchior Nunes Barreto¹³.

Enquanto esperava a armada que o havia de trazer ao Reino, foi duas ou três vezes ao Colégio de S. Paulo, não movido por devoção ou qualquer intenção de ordem espiritual, mas com o propósito mais comezinho de procurar resposta às cartas que escrevera a S. Francisco Xavier, provavelmente a pedir-lhe a restituição do dinheiro que no Japão lhe emprestara para a construção da igreja de Yamaguchi. Numa dessas visitas, enquanto conversava com alguns padres e irmãos acerca das suas relações com o Santo Apóstolo, foi carinhosamente recebido pelo referido Padre Mestre Belchior, que o levou a visitar demoradamente a instituição. Conta então:

"Chegamos ao [colégio] dos mininos os quais todos estavam com suas lobas brancas em ordem e me receberam com *Benedictus Dominus*. Logo ali me deu Nosso Senhor a

¹³ Vide Christovão Ayres, *Fernão Mendes Pinto. Subsídios para a sua biographia e para o estudo da sua obra*. Lisboa, por ordem e na Typographia da Academia, 1904, p. 60.

sintir quão deferentes eram aquelas verdades de minhas mentiras e vãs opiniões. A confusão que daí me ficou não se me pôde tirar sete ou oito dias contínuos. O Demônio, como foi entendendo o desejo santo que Deus me dava, pôs-me diante o amor do dinheiro e afeição da pedraria e que me contentasse com o estado de bom casado, de maneira que me esfriou..."¹⁴.

Ainda daquela vez, a eficácia da graça não levara a melhor! Eis, porém que se anuncia a chegada à barra de Goa do corpo incorrupto de S. Francisco Xavier. Invocando a antiga amizade com o Santo Missionário, Fernão Mendes Pinto ofereceu-se para acompanhar o Padre Mestre Belchior a receber as venerandas relíquias, numa fusta que o Vice-Rei D. Afonso de Noronha pusera à sua disposição. Encontraram a nau que as transportava a vinte léguas de Goa, junto a Batalhá. Perante o cadáver incorrupto, sinal certo, aos seus olhos, da santidade do defunto e da onipotência de Deus, sente Fernão Mendes nova iluminação de fervor religioso e do arrependimento que, em tão acidentada vida, não podia deixar de o acompanhar:

"Como o vi assi [ao cadáver do Santo] então lhe beijei os pés com muitas lágrimas, lembrando-me quantas cousas com ele tinha passado. Ali se me tornou a renovar o desejo que primeiro tinha de servir ao Senhor inclinando-me muito a esta Companhia do nome de JESUS, pois aqui tinha certo em a perseveração o perdão de meus pecados"¹⁵.

¹⁴ Ib. p. 60-61.

¹⁵ Ib., p. 61. Note-se que a versão do Padre Francisco de Sousa confirma sem qualquer divergência os informes do interessado (Cf. *Oriente conquistado a Jesus Cristo...* Introdução e revisão de M. Lopes de Almeida. Porto, Lello & Irmão, 1978, p. 602-603). De maior significado ainda como documento da verdade desta versão é a carta que o Irmão Aires Brandão escreveu de Goa aos Padres e Irmãos do Colégio de Coimbra, a 23 de Dezembro daquele ano de

As festas então celebradas em Goa, onde chegaram a 16 de Março, foram solenes e ruidosas. Talvez para fugir ao burburinho e encontrar melhor lugar de meditação, Fernão Mendes sai da cidade e vai para uma ermida chamada de Nossa Senhora do Chorão, sempre com o Padre Mestre Belchior. E é aí que toma a decisão de entrar na milícia de Santo Inácio.

Das suas conversas com o Padre Belchior resultou acender-se no espírito do missionário um intenso desejo de ir fazer cristandade naquelas promissoras terras que todos julgavam preparadas para receber a semente do Evangelho. De regresso à cidade, foi o Padre visitar o Vice-Rei, no preciso momento em que – dizem os cronistas da Ordem – ele acabara de receber uma carta do "rei do Japão" (provavelmente o daimio do Bungo), a manifestar-lhe o contentamento que sentia pela actividade evangelizadora que os Jesuítas ali desenvolviam.

Logo decidem partir e o Vice-Rei, ao saber que Fernão Mendes acompanharia o sacerdote, resolve mandá-lo como "embaixador", encarregando-o de levar a resposta ao "rei" de Bungo. E para que, segundo o Irmão Aires Brandão, "não houvesse mais detença ou embaraço do demónio, ele começou logo a distribuir o que tinha ganhado com tanto trabalho e perigos do corpo e alma, fazendo logo muitas esmolas a pobres e outras muitas obras de misericórdia", além de libertar todos os escravos que possuía. Com o resto comprou ainda "muitas peças ricas pera levar pera os reis, príncipes de Japão"¹⁶. Apenas reservou para si setecentos mil réis, que enviou aos parentes que tinha no Reino, através dos seus confrades do Colégio de Coimbra.

1554 (*Documenta Indica*. Edidit Joseph Wicki, S.I.. Romae, apud "Monumenta Historica Societatis Iesu", 1954, vol. III (1553-1557), p. 178-181.

¹⁶ Ibidem.

Constituiu-se a missão, composta pelos Padres Belchior Nunes e Gaspar Vilela, pelos Irmãos António Dias, Belchior Dias, Luís Fróis, Estêvão de Gois, Brás e Fernão Mendes, e por mais cinco jovens, certamente catecúmenos.

Partindo de Goa, via Cochim, a 16 de Abril de 1554, na nau que transportava o novo capitão de Malaca, D. António de Noronha, os missionários chegam a esta cidade após viagem tormentosa. À espera de monção favorável, só puderam velejar rumo ao Japão a 1 de Abril de 1555. Entretanto não cessava Fernão Mendes de exercer extremos de caridade e de penitência, testemunhados pelo mesmo Padre Belchior Nunes em carta de 3 de Dezembro de 1554 para os confrades da Europa e da Índia ou, segundo outras versões, para o Padre Diogo Mirão, ao tempo Provincial de Portugal¹⁷.

Só a 7 de Maio de 1556 conseguiram partir de Lampacau, na nau de D. Francisco de Mascarenhas, chegando, passadas duas semanas, a umas ilhas situadas a oesnoroeste de Tanegachima, para surgirem, quinze dias depois, na baía de Fucheu.

A acidentada viagem ao Bungo, que pode seguir-se através das cartas do Padre Belchior Nunes, de Luís Fróis, do Padre Gaspar Vilela e do próprio Fernão Mendes¹⁸, deu matéria a quanto é narrado nos capítulos CCXX a CCXXV, no fim da *Peregrinação*, onde, como é evidente, nenhum traço perdura da arrebatada experiência do autor como missionário.

O "rei" não estava na capital. Regressado dias depois, logo se dispôs a receber solenemente o "embaixador" em cerimónia onde a transposição dos costumes da Europa se funde

¹⁷ *Documenta Indica*, loc. cit., p. 132.

¹⁸ Foram reunidas, em leitura modernizada e com notas bibliográficas e históricas muito precisas por Rebecca Catz (*Cartas de Fernão Mendes Pinto e outros documentos*. Lisboa, Editorial Presença, 1983).

(pelo menos na narração) com o luzido exotismo oriental. Vale a pena evocar a cena tal como é narrada pela pena de Fernão Mendes:

" ... e tanto que foram as duas horas depois do meio dia el Rei me mandou buscar pelo Quansio Nafama, capitão da cidade com outros quatro homens dos principais da corte, os quais, acompanhados de muita gente, me levaram ao paço; porém eles e eu, com os quarenta Portugueses todos íamos a pé por ser assi seu costume, e todas as ruas por onde passámos estavam muito limpas e bem concertadas, e com tanta quantidade de gente que os nautarões, que eram porteiros com bastões ferrados, tinham assaz que fazer em nos fazerem o caminho. As peças do presente levavam três Portugueses a cavalo, e um pouco atrás deles iam outros dous ginetes muito fermosos com cobertas, e armas como de justa. Chegando nós ao primeiro terreiro do paço, achámos nele a el-Rei que estava em um baileu ou cadafalso que para isso se mandara fazer, acompanhado de todos os nobres do reino, e entre eles três embaixadores de reinos estranhos, um de el-Rei dos Léquios, outro do Cauchim e Ilha da Tosa, e outro do Cubucamá, Emperador do Miacoo. E por fora quanto tomava toda a grandeza do terreiro estavam passante de mil arcabuzeiros, e quatrocentos homens em bons cavalos acobertados, e afora estes a gente do povo que, como digo, não tinha conto. Chegado eu cos quarenta Portugueses que iam comigo ao baileu onde el-Rei estava, lhe fizemos todos as cerimónias e cortesias que em tal auto se lhe costumam fazer. E eu chegando-me a ele lhe dei a carta que levava do Viso-Rei, a qual ele, posto em pé, me tomou da mão, e tornando-se a assentar a deu a um seu Quansió Gritau, que é como secretário, e este a

leu em voz alta para que todos a ouvissem. E depois de lida, me perguntou perante os três embaixadores, e os príncipes de que estava acompanhado por alg-uas cousas que por curiosidade quis saber desta nossa Europa, ua das quais foi quantos homens armados de todas armas, e em cavalos acobertados como aqueles punha el-Rei de Portual em campo? Eu então arreceando mentir-lhe, confesso que me embaracei na reposta, o que vendo um dos meus companheiros que estava junto comigo, tomando a mão, lhe respondeu que cento até cento e vinte mil. De que o Rei ficou muito espantado e eu muito mais. El-Rei então, parece que gostando das grandiosas repostas que este Português lhe dava, gastou com ele em perguntas mais de meia hora, ficando ele e todos que estavam presentes assaz maravilhados de tamanhas grandezas, e disse para os seus:

– Certefico-vos em lei de verdade que nenhua cousa folgara agora mais de ver que a monarquia desta grande terra de que tamanhas grandezas tenho ouvido, assi de tisouros como de multidão de navios no mar, porque com isso vivera em minha vida sempre muito contente.

E despedindo-me ele então, e aos outros que vinham comigo me disse:

– Quando te parecer bem podes dizer ao Padre que me venha ver, porque aqui me achará prestes para o ouvir, e a todos os mais que trouxer consigo"¹⁹.

Como se vê, a mentira diplomática não é recurso exclusivo dos nossos dias!...

¹⁹ *Peregrinação*, p. 672.

Não menos aparatosa foi a audiência dias depois concedida ao Padre Mestre Belchior, para a qual se organizou um cortejo com os mesmos quarenta portugueses, "todos muito bem vestidos com seus colares e cadeas de ouro grossas a tiracolo, e quatro mininos órfãos com lobs e chapéus de tafeté branco, com cruces de seda nos peitos"²⁰.

A entrevista foi cordial e as promessas do "rei", generosas. Mas o tempo foi passando sem que as facilidades, a princípio tão aliciantes, tivessem a menor concretização, pelas naturais pressões dos bonzos sobre o rei. Passados dois meses e meio, desanimado pela ineficácia da sua presença, e alvoroçado pela notícia, que entretanto lhe chegara, de ter vindo do Reino seu irmão, o Patriarca da Etiópia, D. João Nunes Barreto, o Padre Mestre Belchior resolve regressar à Índia para se consagrar à evangelização da famosa Terra do Preste João. E com ele regressava o embaixador, que entretanto despira a roupeta inaciana, findo que fora o fogo fátuo de uma fugaz conversão que nem o zelo apostólico fora capaz de alimentar.

A 14 de Novembro daquele ano de 1556, os missionários e o improvisado embaixador deixavam o Bungo, e a 4 de Dezembro chegavam a Lampacau, donde partiriam na primeira oitava do Natal para Goa, aportando ali no dia 16 de Fevereiro.

Foi Fernão Mendes dar conta ao Governador Francisco Barreto dos resultados da sua embaixada, entregando-lhe a resposta do "rei" de Bungo e os presentes de que era portador. Francisco Barreto acolheu-o de boa sombra e mandou passar-lhe certidões comprovativas dos serviços prestados, munido das quais se deu pressa em embarcar para o Reino, confiante em que, com tão qualificados testemunhos, fácil lhe seria obter da

²⁰ Ib., p. 673.

munificência régia uma boa recompensa de tão dilatados trabalhos. A 22 de Setembro de 1558, de novo os olhos saudosos se lhe abriam às belezas da barra de Lisboa.

Pouco caso fizeram dos requerimentos e petições que apresentou. Desiludido e pobre, vai então viver para Almada, na quinta do Pragal, casando com Maria Correia de Brito e dedicando-se à administração dos bens que por certo conseguira salvar. Entre c. de 1570 e 1578, nos ócios de uma vida ainda consagrada aos mais desprotegidos, como mamosteiro do Hospital de S. Lázaro de Cacilhas, vai passando a escrito, ou dando forma definitiva ao texto onde reunira as recordações porventura lançadas antes em apontamentos dispersos.

Só por alvará de 15 de Janeiro de 1583, Filipe II determinaria que, atendendo aos serviços por ele prestados nas partes da Índia, lhe fosse concedida desde o primeiro daquele mesmo mês, uma tença de dois moios de trigo, a pagar pelo almoxarifado da Vila de Almada. De pouco, no entanto, lhe valeria mercê tão tardia, pois morreria escassos seis meses depois, a 8 de Julho.

À minguada de avultados bens de fortuna, deixava a seus herdeiros o manuscrito da *Peregrinação*, cuja propriedade passaria, por disposição sua ou das filhas, à Casa Pia das Penitentes Recolhidas da Cidade de Lisboa, que em 1603, como se conclui da licença do revisor inquisitorial Fr. Manuel Coelho, datada de 25 de Maio daquele ano, iniciou as diligências para a impressão, só concretizada em 1614, na oficina de Pedro Craesbeeck, para o livreiro régio Belchior de Faria.

Que obra era aquela, destinada a uma fortuna tão vasta e duradoira que até aos nossos dias não parou de crescer²¹, e qual a personalidade do homem que a criara?

Não encontramos em Fernão Mendes Pinto alguém cuja cultura se pautasse pelos modelos que o Humanismo renascentista consagrara, ou que sequer a tivesse sedimentado, quer através de uma escolaridade regular, quer por um porfiado interesse de autodidacta. As leituras que fez²² nascem primordialmente de uma exigência de informação, determinada ou condicionada pela realidade vivida e pela necessidade de completar, mesmo através da imaginação ficcional, os dados de uma experiência. É-lhe concomitante, quando muito; as mais das vezes, foi-lhe posterior; raríssimas, a terá antecedido.

Querer transformar este quadro cultural numa bagagem humanística, como fez Rebecca Catz, em *análise* pseudo-crítica da *Peregrinação*²³, e arvorar o escritor num ideólogo de matriz judaica, versado na exegese dos Profetas e nas grandes obras religiosas e morais do Renascimento, apenas para proclamar a condenação da "cruzada" portuguesa no Oriente, ou ver nele um espírito imbuído de erasmismo, a manejar habilmente os preceitos da *Retórica* aristotélica, para se forjar uma técnica adequada à expressão da sátira veiculadora dessa condenação, só pode aceitar-se como pura especulação posta sem a menor acribia ao serviço de desígnios do evidente proselitismo ideológico da autora. Há que admirar-lhe o engenho, mas há

²¹ Justamente quando redigia estas linhas, chegava às minhas mãos uma nova versão parcial dela para inglês — *The Peregrination of Fernão Mendes Pinto ... This Tale has been abridged and translated by Michael Lowery, introduced by Dr. Lufs de Sousa Rebelo and furnished with illustrations.* Manchester, Carcanet Press, 1992.

²² Para uma primeira avaliação delas veja-se a minha Introdução, p. XXXIII-XXXV.

²³ Vide *A sátira social em Fernão Mendes Pinto. Análise crítica da "Peregrinação"*. Lisboa, Editorial Prelo, 1978.

também que denunciar tal interpretação como uma mentira histórica e uma falsidade de exegese cultural²⁴.

Do que sabemos acerca do autor pode, por outro lado, concluir-se que não estamos perante um cavaleiro que partisse do Reino para o Oriente movido por um qualquer ideal de cruzada. Mais comezinhoamente, tratava-se de um pobre rapaz que, saído à semelhança de tantos outros seus contemporâneos e de igual condição, da "miséria e estreiteza" da sua origem, partira à procura de melhor vida, primeiro em Lisboa e depois na Índia, "já oferecido a toda ventura ou má ou boa que [lhe] sucedesse", como confessa logo no termo do capítulo inicial da obra²⁵.

É desta sua condição e destes objectivos de melhoria material de vida, tão comuns no Portugal de Quinhentos, bem como do espírito de aventureira iniciativa que eles pressupõem e propiciam, que vai nascer a *Peregrinação*, cujos significados emergem, não apenas da sua actividade multivária, mas da perspectiva que para si próprio vai forjando dos vários níveis da acção dos Portugueses no Oriente, desde a chatinagem mais despudorada, à fulgurante mística da evangelização, passando por uma ocupação militar tantas vezes feita de heroísmo e de crueldade, numa simbiose nem sempre fácil de destringer e decompreender, no seu como no nosso tempo.

Não era uma obra de história. As pesquisas de investigadores como Cristóvão Aires, o Padre Georg Schurhammer ou o Visconde de Lagoa²⁶, provam, sem margem a

²⁴ Sobre os fundamentos desta minha posição, veja-se a minha Introdução, p. XXXV-XLIX.

²⁵ Ed. cit., p. 14.

²⁶ Além das obras já citadas dos dois primeiros veja-se, do Padre Schurhammer, *Fernão Mendes Pinto und seine "Peregrinação"*, in "Orientalia. Asia Maior", vol. III, Leipzig, 1926, p. 71-103 e 194-207; e

dúvidas, que Fernão Mendes Pinto viveu realmente muito daquilo que conta. E a comparação da aventura vivida pelo protagonista-narrador da *Peregrinação* com o que documentalmente se conhece acerca da vida do autor empírico, através das duas cartas por ele escritas aos Jesuítas, ou das cartas dos Irmãos Aires Brandão e Luís de Fróis, e do Padre Mestre Belchior Nunes, reforça com dados de incontroversa solidez a convicção de que ele quis, aliás deliberadamente, incutir no espírito dos seus leitores a ideia de estarem perante um relato elaborado, se nem sempre sobre factos vividos, quase sempre a partir de vivências verdadeiras ou verosímeis. E mesmo Georges Le Gentil, por certo o mais convicto paladino de um Fernão Mendes Pinto efabulador, seduzido por uma realidade humana e paisagística de fortes opulências exóticas, para sobre ela construir uma ficção, não deixa de considerar a obra um *romance*, mas um romance documentado e documentário²⁷.

Talvez a posição a esse respeito mais correcta seja a que parte da concepção de Fidelino de Figueiredo, que chamava à narrativa do aventureiro uma *autolatria*²⁸, para ver nela, com Costa Pimpão, "um livro de *fingimento*, a revestir, simbolicamente, a verdade essencial", no qual os valores histórico e geográfico são superados, com muita facilidade pelo carácter romanesco das aventuras do autor, "pela fecúndia da imaginação criadora, pelo exotismo, variedade e pitoresco dos seus quadros, pelo seu inesgotável poder descritivo, pela

Gesammelte Studien: Orientalia. Roma, Institutum Historicum Societatis Iesu, 1963, vol. II.

²⁷ Op. cit., p. 237.

²⁸ Cf. De re japonica (*Evolução do japonismo literário português desde Fernão Mendes Pinto a Wenceslau de Moraes*), in "Vasco da Gama", Ano I, 1925-1926, p. 202-219.

combinação fantástica e, contudo, bem humana, do alor místico com a desnudez moral"²⁹.

Para a escrever, pudera a imaginação enriquecer-se da lembrança, da saudade, de uma certa vaidade algo narcisista e do tom paradigmático próprio de quem pretendia fazer de si e da sua vida uma história de proveito e exemplo, endereçada em primeiro lugar a um destinatário muito próximo (neste caso, os filhos, a quem a deixava "por carta de A., B., C") e depois a um público calculadamente mais vasto. Para lhe conferir autoridade, bastava a experiência de que nascera; e para lhe permitir a ousadia da crítica, ora em esgares impiedosos de sátira, ora em acérrimas pontas de subtil ironia, encontrava justificação e fundamento naquela sageza feita de sofrimento e de resignada desilusão que vida tão longa e errante lhe viera pouco a pouco criando no espírito.

Compreende-se deste modo que o relato de quanto viu, viveu ou posteriormente imaginou, ofereça um flagrante reverso em relação à imagem heróica então criada pela acção colectiva dos Portugueses no Oriente, concretizado em situações de indivíduos ou de pequenos grupos tão certamente caracterizados por investigadores como Charles Boxer³⁰. Mas tem de compreender-se também que ela não resulta, quer em relação a si, quer em relação aos outros, de uma atitude mental ou ideológica preconcebida, de cariz anti-heróico, até porque só há *anti-herói* onde o criador literário viu ou concebeu primeiro, ao menos como subterfúgio de montagem literária por contraste, a presença de um *herói*.

²⁹ Loc. cit., p. LXXIV e LXXIII.

³⁰ Veja-se, entre várias outras obras suas, "*Fidalgos*" in *the Far East*. The Hague, Martinus Nijhoff, 1948 (trad. portuguesa: *Fidalgos no Extremo Oriente*. Macau, Fundação Oriente / Museu e Centro de Estudos Marítimos de Macau, 1990).

A distância que separa a perspectiva do narrador dos pontos de vista dos seus companheiros e compatriotas tem, em minha opinião, outra explicação, ao mesmo tempo mais simples e mais subtil. É que Fernão Mendes sabe perfeitamente colocar-se na perspectiva do *outro*, por muito afastado que esse *outro* estivesse de si, em convicções, interesses, hábitos, grau ou tipo de cultura. Por isso a sua visão dos homens e da vida não é unilateral. Antes se me afigura indelevelmente marcada por aquilo a que, em termos culturais e antropológicos, poderíamos caracterizar como uma espécie de cosmopolitismo, bem característico, aliás, da atitude portuguesa perante outros homens e outras formas de cultura. Por isso também a obra em que transmitiu essa visão, sem ser história, adquiriu, para além do seu valor literário, um tão profundo e duradouro significado como documento real de uma época e de uma mentalidade, perspectivado como um generoso encontro de culturas diversas, através do qual o mundo se foi tornando cada vez mais pequeno e os homens se foram habituando progressivamente a encarar os seus semelhantes com o olhar fraterno de quem sabe compreender o diferente, para melhor poder tomar o que lhe falta e dar o que tem de bom e até, infelizmente, de mau.

Vejamos mais de perto o caso do Japão, pois que com ele nos propusemos "peregrinar" até lá, desde Montemor-o-Velho, a par de Coimbra.

Afirma Le Gentil que, com a obra de Fernão Mendes Pinto, o Japão fez a sua entrada na literatura³¹. Poderíamos afoitamente acrescentar que por ela entrou também no conhecimento da Europa moderna, a partir do momento em que o autor/narrador, com os Portugueses que com ele por lá andaram,

³¹ Op. cit., p. 209.

ao Japão levou o conhecimento dessa mesma Europa. E muito importa acentuar que esse conhecimento mútuo não foi fantasioso nem foi, por conseguinte, alheio à realidade política e social que lá se vivia nos meados do século XVI. O confronto da *Peregrinação* com as fontes históricas japonesas³² permite afirmar com segurança que, não obstante as distorções devidas a uma informação incompleta, ao posterior exercício da imaginação ou ao seu deliberado intuito de efabular, o autor teve um conhecimento directo do país, não raro com perigo da sua própria integridade física. É assim que, ao narrar, no capítulo CC, os distúrbios ocorridos em Fucheu, entre potentados locais, por ocasião da sua segunda viagem, afirma peremptoriamente:

"E digo isto, porque assi o posso afirmar com verdade, pois ambos estes sucessos vi com meus olhos, e em ambos me achei presente com assaz de perigo meu"³³.

Os elementos constitutivos da diegese podem fundir-se numa organização nova e não exactamente coincidente com o real acontecido, em termos de espaço e de tempo, mas a topografia é real, os factos histórico que lhe servem de suporte referencial não são inventados e as personagens que vivem ou revivem pela

³² Para além de obras já citadas, em especial a de Charles Boxer, vejam-se Luís Norton, *Os Portugueses e o Japão (1543-1600). Notas e documentos*. Lisboa, Agência Geral do Ultramar, 1952; Kuchi Matsuda, *Influencia de los Portugueses en la cultura japonesa de los siglos XVI y XVII*, in "Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa", Jul.-Dez. 1960; Joseph Franz Schutte, *Introductio ad Historiam Societatis Iesu in Japonia ...* Roma. 1968; Michael Cooper, *Rodrigues the Interpreter. A early Jesuit in Japan and China*. New York / Toquio, Weatherhill, 1974; Armando Martins Janeiro, *O impacto português sobre a civilização japonesa*, 2.^a ed.. Lisboa, Publicações D. Quixote, 1988; José Yamashiro, *Choque luso no Japão dos séculos XVI e XVII*. São Paulo, Ibrasa, 1989; Rui Loureiro, *Os Portugueses e o Japão no século XVI. Primeiras informações*. Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1990; etc..

³³ Ed. cit., p. 580-581.

narrativa não são imaginárias, ainda quando possam ter sido construídas com elementos diferentes, em função de ocorrências verificadas em lugares múltiplos. Deste modo, por uma verosimilhança adquirida pela experiência, as modificações da verdade não põem em causa o valor da obra como documento *sui generis* de uma sociedade, numa determinada época, dotada de uma mentalidade muito própria (até porque muito diferente em relação aos padrões europeus!) e, por conseguinte, de uma ambiência de curiosidade mútua entre aqueles dois mundos tão afastados. Dessa curiosidade resultaria, aliás, anos mais tarde, em 1583, a primeira vinda de embaixadores japoneses à Europa, numa viagem minuciosamente descrita pelo Padre Duarte de Sande no *Itinerario de quatro Principes Japoneses mandados à Santidade de Gregorio XIII e de tudo quanto lhe succedeo na jornada até se restituirem as suas terras*, publicado no Colégio da Companhia de Jesus, de Macau, em 1590³⁴.

Para comprovar o recurso a esta espécie de *contaminatio* factual, na construção daquela realidade onde a ficção não está ausente, vejamos o famoso caso da introdução das armas de fogo.

Numa carta datada de 6 de Junho de 1577, transcreve o Padre Luís de Frois a seguinte declaração de Otomo Yoshishige, rei do Bungo:

"Quando o navio português fez a sua viagem da China para o Japão, tinha comigo, havia três anos, um português que tinha curado meu irmão, o rei de Yamaguchi, dum ferida provocada por um arcabuz que lhe tinha esfacelado a mão".

³⁴ Sairia depois em versão castelhana na *Historia del Japón*, de Bruxeda de Leiva, e em versão latina (Antuérpia, por Martinho Nutio, 1593).

Sabemos, por uma outra carta do mesmo Padre, datada de 16 de Novembro do ano seguinte, que aquele português se chamava Diogo Vaz e tinha ido para o Japão com Jorge de Faria, quando o rei, que tinha então 48 ou 49 anos, contava apenas 16, o que permite situar o acidente em 1545 ou 1546, portanto numa das viagens de Fernão Mendes. Tendo assistido ao caso, ou tendo ouvido contar a história de Diogo Vaz, fortemente impressionado pela receptividade dos japoneses ao uso das armas de fogo, cujas consequências militares deve ter intuído, e consciente da importância futura do conhecimento daquelas novas terras e gentes, viu de imediato o seu valor informativo ou até o seu significado simbólico, em termos de um sinal de encontro entre dois tipos de civilização e, em vez de contar as coisas, num discurso chão e prosaico, construiu habilmente uma história autobiográfica, chamando a si um protagonismo que não exercera, mas para o qual se via autorizado por toda uma série de pormenores, cartas, diálogos e indicações topográficas e antroponímicas, cujo conhecimento detinha, e que lhe conferiam não apenas a autenticidade de um testemunho directo mas a inquestionável força probatória dos factos presencialmente vividos.

O mesmo se podia dizer – e com maior abundância de factos comprovados através de abundantes notícias colhidas nas cartas dos Jesuítas ou na historiografia consagrada à sua acção missionária – da quarta e última viagem que fez ao Japão, tanto na sua vertente diplomática, como na frustração da sua finalidade missionária.

É certo que o seu conhecimento do Japão é bastante mais superficial do que o conjunto de informações transmitidas pelas cartas dos Jesuítas, aparecidas desde 1555 e cuja edição mais completa saíria em Évora, dos prelos de Manuel de Lira, em

1598³⁵. Mas tinha sobre elas a incomensurável vantagem de envolver a realidade numa dimensão de aventura e de maravilha que lhe aumentava extraordinariamente o número e o âmbito dos destinatários.

A organização social e militar, as vicissitudes políticas determinadas pelas constantes lutas entre os daimios, os usos e costumes familiares, o cerimonial e as festas, as concepções religiosas patentes sobretudo nas disputas teológicas de S. Francisco Xavier com os bonzos,³⁶ mas sobretudo as características que definiam então a mentalidade japonesa, são outros tantos aspectos pelos quais o leitor de todos os tempos pôde tomar conhecimento de uma realidade que lhe era ao mesmo tempo estranha e atraente, ou atraente porque estranha.

Os japoneses que Fernão Mendes põe em acção nas páginas da *Peregrinação*, com base no conhecimento que deles pôde obter nas suas quatro viagens, são uma gente amável, que gosta de conviver, dotada de uma extraordinária facilidade de assimilação perante as novidades que lhe chegam pela mão dos estrangeiros que acolhe sem reserva nem desconfiança. Veja-se, a comprová-lo, este curto passo:

"Vinte dias contínuos depois que cheguei a
esta cidade Fucheo, passei muito a meu gosto,

³⁵ Editadas pela primeira vez, em versão castelhana, em 1555 (Coimbra, João Álvares), com o título de *Copia de unas cartas de algunos Padres y Hermanos de la Compañia de Jesus que escribieron de la India, Iapon, y Brasil a los Padres y Hermanos de la misma Compañia...* viriam a ser reeditadas, com acrescentos, por João de Barreira, em 1562 e 1565. Pouco depois surgiriam edições em português (Coimbra, António de Mariz, 1570 e Lisboa, por Simão Lopes, 1593). A edição mais completa, da qual, no entanto, foram suprimidas as de Fernão Mendes Pinto) sairia, como digo acima, em Évora, nos prelos de Manuel de Lira, em dois volumes, sob o título *Cartas que os Padres e Irmãos da Companhia de Iesus escreuerão dos Reynos de Iapão & China aos da mesma Companhia da India, & Europa, des do anno de 1549, até o de 1580 ...*

³⁶ V. em especial os caps. CCXI a CCXII (p. 620-635).

ora em responder a varias perguntas que el-Rei, a Rainha, o Príncipe, e os senhores me faziam, como gente que não tinha notícia de haver mais mundo que Japão, e não me detenho em dar relação do que me eles preguntavam, e eu respondia, porque como tudo eram cousas de pouca sustância, parece-me que não servirá de mais que encher papel com cousas que dêem mais fastio que gosto: ora em ver as suas festas, as suas casas de oração, os seus exercícios de guerra, os seus navios d'armada, e as suas pescarias e caças a que são muito afeiçoados, principalmente às de altenaria com falcões e açores ao nosso modo, e algumas vezes passava também o tempo com a minha espingarda, matando muitas rolas, e pombos, e codornizes, de que a terra era bem abastada. Os desta terra, para quem este modo de tiro de fogo foi cousa tão nova como para os de Tanixumá, vendo uma cousa que até então não tinham visto, foi tamanho o caso que fizeram disso, que o não sei encarecer"³⁷.

Nem falta, como estratégia narrativa destinada a espicaçar o interesse do leitor, o jogo da alegada economia da matéria narrada!

De outras vezes, porém, a visão psicológica da sociedade japonesa é dada através de uma simples observação discretamente embutida no texto, em clave de justificação, como quando, para melhor fazer compreender os acontecimentos ocorridos em Fucheu, por ocasião da sua segunda viagem, escreve:

"E como estes Japões são muito mais ambiciosos de honra que todas as outras nações

³⁷ Ib., p. 367-368.

do mundo, determinou este de levar em tudo ao cabo seu intento, sem pôr diante inconveniente nenhum que se lhe oferecesse³⁸.

Raríssimo será encontrar, ao longo de tantas aventuras, qualquer observação que implique, da parte do narrador, uma perspectiva de censura frontal perante o que via ou encontrava, facto tanto mais de sublinhar quanto é certo que Pinto, seja pela boca do narrador principal, seja por intervenções manifestamente intencionais de muitas personagens, não poupa os seus compatriotas a críticas de agressiva acutilância. Quando muito, o acentuar de diferenças ou divergências visa sublinhar, por contraste, o compreensivo relativismo que constantemente condiciona a visão que o autor/narrador tem e dá da realidade nova que um dia se lhe apresentara e no acto de escrita se propunha evocar.

Na generosa compreensão mútua que estas e muitas outras páginas da *Peregrinação* registam se radica, e por ela se desenvolve, com efeito, a primeira e mais duradoira forma de uma profícua osmose cultural, através da qual o Japão e Portugal se aproximaram pelo espírito, mesmo quando os interesses materiais ou o proselitismo dos credos entre eles cavaram fossos mais ou menos profundos e largos no tempo.

Não é possível, nem seria lícito, levar as minhas palavras de hoje, nesta circunstância, para além da fundamentação e de uma breve demonstração da realidade histórica que o Doutor Viegas Abreu quis simbolicamente mostrar neste encontro, ao evidenciar os laços que, desde há quatro séculos e meio, como dizia ao princípio, aproximam dois países tão distantes pela situação geográfica e pela alma

³⁸ *Ib.*, p. 582.

colectiva que os identifica, neste propício espaço da Exposição de Sevilha.

De Portugal, "quase cume da / cabeça da Europa toda"³⁹, designado no título destas minhas palavras pela simbólica sinédoque de **Montemor-o-Velho**, chegaram os nossos antepassados às **Ilhas de Japão**, levando e trazendo Conhecimento, com tudo o que de bom e de mau esse conceito comporta, desde que, como narra o Génesis, Adão e Eva deram os primeiros passos no Paraíso. Encarnou-os paradigmaticamente, em andanças de aventura, o andarilho de mares e continentes que, no século XVI, numa finitude a que a morte pôs termo, sob a pele curtida ao vento e à chuva das monções, viveu em Fernão Mendes Pinto, "treze vezes cativo, e dezassete vendido, nas partes da Índia, Etiópia, Arábia Feliz, China, Tartária, Macassar, Samatra, e outras muitas províncias daquele oriental arquipélago, dos confins da Ásia, a que os escritores chins, siames, guéos, e léquios nomeam nas suas geografias por Pestana do Mundo"⁴⁰. Mas projectou-os depois, na eternidade de um quase mito, o herói dessa *Peregrinação* que, ao lado da *Lírica* e d' *Os Lusíadas* de Camões, dos autos vicentinos, da historiografia da Ásia e dos relatos da "História Trágico-Marítima", contendo um pouco de tudo quanto essas obras contêm e significando tudo quanto elas significam, produziu, para além do tempo, as vibrações de uma empatia feita de aventura, de dores e de misérias, mas também daquela compreensão que a comunhão de humanidade, na sua condição de "bicho da terra vil e pequeno", cria e transforma no imenso abraço de culturas que foi (e há-de continuar a ser!) a fonte

³⁹ *Os Lusíadas*, III, 20, 1-2.

⁴⁰ *Peregrinação*, p. 12.

abundante onde o Homem matará a sua insaciável sede de
construir o Mundo do futuro em cada dia da História.

PREFACE*

*We Portuguese are from the West
We are going in search of Eastern lands*

Luís de Camões, *Os Lusíadas*
Canto I, 50

The conference that Dr Aníbal Pinto de Castro, Professor at the University of Coimbra, has agreed to give forms part of the group of initiatives to promulgate the cultural and socio-economic reality and potential of the Central Region which, for want of a better title, we have called *Central Region Week*. It aims to attain one of the principal objectives that motivated the *Comissão de Coordenação da Região Centro* [CCRC] to accept the challenge of cooperating that Jean Pierre Raffarin, deputy to the European Parliament and President of the Poitou-Charentes, offered us. Indeed, on accepting to the repeated request that we should organize a display of the Central Region in the "*Casa Andaluza*" or "*Espaço de Poitou-Charentes em Sevilha*" within the context of the *World Fair, Seville 92*, it seemed essential that we choose and link together a wide variety of activities. Some would be directed at communication and interchange between

* This is the text, with slight alterations, of the Introduction to Professor Dr Aníbal Pinto de Castro given by the author on the night of 29th September 1992 in the Portuguese Consulate-General in Seville.

businessmen and representatives of commercial and productive enterprises and others, such as the *Four Painters of the Central Region* exhibition and this conference that we are about to hear, would be oriented predominantly at the diffusion and appreciation of our historic heritage and poetic and aesthetic creativity. All of them, within the apparent diversity of their aims, are connected and complementary, converging towards an identical end.

The initiatives selected, in fact, have within the diversity of their nature an underlying thread that is not merely woven into the process of integrating various sectors, material and immaterial, but at the same time, a proper route to balanced development for people and communities, to the extent that one of its fundamental components, in the commemorative context of the Seville World Fair, is the evocation and recognition of the role played by the great sea voyages of the Peninsular peoples.

This is an era of strikingly accelerated history, little suited to retrospective reflection, remembering or converting the distant roots of the *construction of the new Europe* to our current recollections about Europeans. But these roots weave the history of the peoples of the Community and their relations with other peoples and cultures. All this is presented to us as a means to achieve the indispensable awareness of the diversity and specificity of the contributions of each of the peoples of the Community to the historical heritage and common culture, on which the European *identity* is founded: a polymorphic identity, restless, continually in motion to overcome obstacles and better itself.

In order to be solid, the edifice of the new Europe, which is being patiently constructed, will have to be supported on

fundamental matrices of major existential and symbolic significance, shared by all the peoples of the Community as their common inheritance. If this inheritance of deeds and projects does no more than exist in the memory, consciousness, and social representation of the peoples of the Community, then the result will be fragile, since it will lack *the experience of sharing a life in which the past, present, and future intermingle in an integrated functional unit of the dimensions of time*, able to generate highly dynamic projects and stimulate the participation of individuals and communities.

It is in this respect that this conference by Dr Aníbal Pinto de Castro, an illustrious Professor, meticulous researcher, and an academic of merit, Director of the General Library of the University of Coimbra, who is also representing the Rector of that University here today, is fully harmonized, and these introductory remarks have no objective other than to emphasize his prominence and prospective importance.

On the other hand, when selecting the activities for the *Central Region Week in Seville*, we could not ignore two circumstances to which we attribute special significance. The first is the fact that Montemor-o-Velho, birthplace of the navigator, trader, diplomat, and writer, Fernão Mendes Pinto, is located in the Central Region of Portugal. Fernão Mendes Pinto was a member of the group of Portuguese seafarers who first set foot on Japanese soil, introducing technological innovations which had great impact on the social, political, and cultural life of Japan. On the other hand we have sought in some way to relate recognition of the historical importance of that event which the Japanese can confirm, both at home, with an annual celebration in Tanegashima known as the "*Festa das Espingardas*" [Feast of Guns] in remembrance of the arrival of the Portuguese in their

country, or abroad, as now, in the Japanese Pavilion at the Seville World Fair, where this recognition has been endowed with special prominence.

The arrival of the Portuguese at Tanegashima (or Isle of Tanega) in 1542 or, more accurately, in 1543, was an event of considerable historico-cultural relevance, having greater impact on the Japanese people than on the western world. Here, the navigators' and traders' voyages continued to be polarized by the exploration of the East Indies and the Americas, where Columbus made port whilst believing himself in the former territories. The far-off lands of Malayasia, China, and Japan needed time, skill, and courage to realize the goal of communication between the men that changed the view of the world and its very image. Fernão Mendes Pinto has left us a lengthy narrative, with the telling name of *Peregrinação* [*Peregrination*], about voyages over the Seven Seas, successes and failures, meetings and conflicts, missions accomplished and unfulfilled schemes. This contains landmarks and memorable tokens of an opening up, meeting, and communication between different peoples and cultures that, held in abeyance or interrupted for three centuries, have been biding their time, waiting to be resumed, broadened, and renewed at the end of this century, with the promising dawn of the 21st century on the horizon.

The solidarity of the construction of Europe has also gained through such renewal in the opening of Portugal to the World, and by accepting the reciprocal gains accruing from the meeting of cultures and through the inestimable wealth of communication between nations that makes it possible to have an awareness of a *communion* of origin, condition, and destiny.

I should like once again to thank Dr Aníbal Pinto de Castro for his wholehearted acceptance of this invitation, despite his many other commitments and invitations, which bears witness to the long-standing friendship which is revitalized and strengthened at such times.

I should also like to thank the Portuguese Consul General in Seville, Dr Manuel Côrte-Real, who, from the very first, has enthusiastically accepted the idea that this Conference should be held in the building of the Consulate of Portugal, whose restoration owes much to him and whose beauty has lent a great deal to this event.

To both, for the reasons given, and to all those present, I should like to express, for myself personally and in the name of the *Comissão de Coordenação da Região Centro*, my sincere and profound gratitude.

MANUEL VIEGAS ABREU
Professor, University of Coimbra
President of the CCRC

**FROM MONTEMOR-O-VELHO
TO THE ISLANDS OF JAPAN**

THE *PEREGRINAÇÃO* OF FERNÃO MENDES PINTO
AND THE MEETING OF CULTURES

*Conference presented in the Portuguese
Consulate in Seville as part of Central
Region Week in Expo 92, on 29th
September 1992.*

FROM MONTEMOR-O-VELHO TO THE ISLANDS OF JAPAN

THE *PEREGRINAÇÃO* OF FERNÃO MENDES PINTO AND THE MEETING OF CULTURES

Fernão Mendes Pinto, who first set foot in Japan in the mid 16th century, tells us in the 133rd chapter of the *Peregrination*, that the local daimyo (whom he calls Nautaquim) invited the Portuguese, at the end of their first meeting: "Come round to my house tomorrow and bring me, as a present, news of the wide world you have travelled, and the lands you have seen and their names, for I assure you that I would rather buy these commodities than any others."¹

However fine the distinction between fact and fiction in this narrative may be, it is true that the request of that 15th century potentate in far-off Japan is an example of the spiritual force which, throughout history, has brought men together regardless of religious, racial, or cultural differences. This request has been repeated many times over the centuries and across the world and the Portuguese, with their blend of selfless heroism and errors born of their natural human condition, have

¹ *Pilgrimage* [...] Introduction by Anfbal Pinto de Castro. Porto, Lello & Irmão, 1984, p.359. This edition, with updated spelling, is the one quoted throughout this paper.

contributed to a large degree to make the world smaller, not only through their knowledge of sea and land routes but also through cultural osmosis, which is the true life-blood of Modernity.

Events like the Seville Expo-1992 are, therefore, today's many-faceted answer, given a celebratory tone, to that same curiosity shown by the daimyo in ancient Tanega-shima to Fernão Mendes Pinto and his companions. Our presence here is nothing more than a part of this answer, through which we are trying to strengthen all the links, past and present, that create this phenomenon of cultural intercommunication. Here, in this meeting, material interests – though not absent – give way to that *Ropica pneuma*, that "spiritual commodity" described by João de Barros, chronicler of the Orient, in a dialogue published in Lisbon a few years before the Portuguese reached Japan.

The *Peregrination*, first published in 1614², is certainly one of the most important documents on the phenomenon of intercontinental acculturation, and Fernão Mendes Pinto is one of the best examples of a Portuguese voyaging through a partitioned world, as Camões said of himself; a different *persona*, though not as antagonistic as has been suggested. This is why the choice of topic for my address (for which I must thank my old friend and colleague Professor Viegas Abreu, President of the Central Region Coordination Commission [*Comissão de Coordenação da Região Centro*]) will, here and now, give us reason for reflection. The lessons of history will be the basis for building a future in which men will live as a spiritual fraternity,

² Although written in its final form in the period between the end of 1569 or beginning of 1570 and (probably) 1578 (cf. my Introduction to the edition cited, p.xxii). As for the wealth of publications of this work, both in the original and in the many different translations (wholly or in part) into Spanish, French, German, English, Italian, Dutch, Swedish, Czech, Romanian, and, of course, Japanese, see the detailed study by Fr FRANCISCO LEITE DE FARIA, *As muitas edições da "Peregrinação" de Fernão Mendes Pinto*. Lisbon, Academia Portuguesa da História, 1992.

without discarding the essential cultural variety that defines national communities, so often legitimized by History throughout the centuries.

I trust that I will be able to fulfill this task.

*

* *

Fernão Mendes Pinto is a perfect example of that kind of Portuguese who, attracted by tales of easy riches in oriental Eldorados, would leave the desolation of his birthplace, in whatever remote corner of the kingdom it might be, to seek his fortune abroad, in danger and adventure. He might be lured by the sultry trading posts of Malabar and India, by the legendary mysteries of China and Japan, or, later perhaps, by the opulent indolence of life on the sugar plantations in the interior of Brazil. Men such as these, if they returned home and did not succumb to the ravages of scurvy on the India-bound armada, or perish in "shipwrecks and damnations of all kinds", as Camões said, circulated their money in Cabaceiras de Basto which so annoyed Sá de Miranda in his famous letter to António Pereira, the *Marramaque*, because it rocked the foundations of old traditional Portuguese society, symbolically represented in the "manor houses" and "towers" which were the havens of the patriarchal nobility.³ Due to the absence of such men who, when

³ The poet from Veiva said to his friend when he saw him leaving "to go to the court with all his household".
As I saw the money flying
around Cabaceiras de Basto,

married, would leave in May, when new blood "stirs", there were many adulteries of many other *Constanças* like the one so vividly described by Gil Vicente in his *Auto da Índia*.

Through them, meanwhile, visions of a world of adventure, exotic and full of wonder, were established and spread in the fertile imagination of the Portuguese, by the spoken and written word. They were to give Europe marvellous images of the mythical Orient⁴ like Marco Polo, the first man to reveal the secrets of the East⁵. But now these images were strongly identified by the accuracy of closely witnessed and experienced reality, even when their creators found themselves carried away by enthusiastic invention or by inoffensive (rather than arrogant) vanity. Let us see how and why this happened, through the profile of one man and the particular aspects of the work that sprang from his life⁶.

According to the first chapter of the *Peregrinations* [*Peregrinações*], Fernão Mendes Pinto was born in Montemor-o-Velho, near Coimbra, around 1509-1511. When he was ten or twelve years old an uncle took him to Lisbon to give him a better

fences and spending rising,
I saw such evil paths,
such trails and tracks,

I raised my eyes
to the manors and towers
and said to myself:
'If God is not valued here'
then a dangerous enemy is"

(*Obras completas*, Ed. Rodrigues Lapa. 2^a ed. Lisbon, Sá da Costa, 1943, vol. II, p.80-81).

⁴ Cf Georges Le Gentil, *Fernão Mendes Pinto, un précurseur de l'exotisme au XVII^e siècle*. Paris, Hermann & Cie Éditeurs, 1947.

⁵ The manuscript "*Marco Paulo, latim e linguagem em hum volume*" was in D. Duarte's collection, apparently a gift from his brother the Duke of Coimbra, D. Pedro, and was subsequently printed (1502) in Lisbon by Valentim Fernandes.

⁶ Concerning the biography of F. Mendes Pinto and all the documents relating to it, see the summary included in the introduction of the edition cited in Note 1, p.vi ff.

chance in life, away from "the misery and straits" of the poor paternal home. At that time shields were being broken for the death of the king D. Manuel I, on 13 December 1521.

The boy then started working for a lady of noble lineage -as mentioned in the same passage – contrary to the plans and wishes of his uncle. It happened that, for some reason, he had to run away from home, and boarded a caravel sailing for Setubal. That was where D. João III fled, escaping the plague which was then devastating Lisbon. However, the ship was attacked by French pirates near Sesimbra and its occupants were captured to be sold as slaves in Larache. Thirteen days later, another ship, returning from S. Tomé with a precious cargo of sugar and slaves, fell prey to the same corsairs. They then decided to change their plans and return to France, leaving most of the captives on the beach at Melides. Naked and barefoot, the poor victims ended up in Santiago do Cacém where the inhabitants, especially D. Brites de Noronha, the wife of the village Governor, came to their rescue. On returning to Setúbal, the unfortunate young man started working for Francisco Faria, a nobleman of the house of the Master of Santiago. He stayed there for four years before taking a position with D. Jorge de Lencastre, bastard son of D. João II. However, he decided to go to India after eighteen months.

It was on 11 March 1537 that the great adventure of the *peregrinação*, which continued for 21 years, began on one of the five ships bound for the Orient. Barely six months later, on 5 September, the ships approached the harbour of Diu and left only seventeen days later; Fernão Mendes then embarked on a pinnace for the Strait of Mecca. This was the first stage of his wanderings round the Orient, wanderings which would repeatedly take him on journeys of commerce, piracy, – even

diplomacy and missionary work, but always including adventure – as far as Sumatra, Siam, the interior of China, Tatory, Pegu, Java, and Japan.

It is a great pity that we cannot follow him through his adventures. Which strangely enough, they have yet to attract the attention of a film-maker⁷. While we are following the adventurer's own account, not lacking – obviously – in fantasy, let us concentrate mainly on his various contacts with Japan, in anticipation of the 450th anniversary celebrations of the first meeting between European traditions and the ancient glory of Japanese culture.

At the beginning of January 1545, a group of Portuguese trading in the China seas made port at Lampacau. There was a quarrel and eight of them, including Fernão Mendes, boarded the pirate Samipochea's junk in order to make a safe passage back to Malacca. The voyage was stormy, however, and the pirate was forced to seek calmer waters to the east. They arrived at the island of Tanega-shima, south of Kyushu, where they were all made welcome by the Nautaquim, the local governor. That was where the famous episode of the gun, handled by one of his companions, Diogo Zeimoto, occurred.

At the request of the "king" of Bungo, Fernão Mendes went to Funai to try and find a remedy for his gout. It was then that one of the "king's" sons had an accident with our hero's gun by overfilling it with gunpowder. Fernão Mendes was blamed for this accident. All was resolved, however, when the boy admitted that he was solely responsible and Fernão Mendes was able to

⁷ For further details of these many extensive journeys, see Georges Le Gentil, *op. cit.*, p.31 ff; Visconde de Lagoa, *A "Peregrinação" de Fernão Mendes Pinto. Tentativa de reconstituição geográfica* in *Anais da Junta de Investigações Coloniais*, vol. II, nº 1, 1947, p.11-156 and Álvaro J. da Costa Pimpão, "Introdução" to F. M. Pinto, *Peregrinação*. New edition, as the one of 1614, Porto, Portucalense Editora, 1962, vol. I, p.xxiii-xxxix.

save him from any permanent physical injury, thanks to his empirical knowledge of surgery. On the way back to Tanegashima they headed for Liampó, China. There they reported the discovery of Japan, where they would soon return with a view to getting quick and easy riches. Greed, however, brought them severe punishment because their junk foundered on a sandbank in Rhu-Kyu. They were taken prisoner in Pongor and were only set free after two months, thanks to the intervention of the daughter of the *Broquem* (the local governor). They were then able to return to Liampó⁸.

Fernão Mendes Pinto probably went back to Japan on the way from Pegu and Malacca, but there is no record of the exact dates. It is worthwhile appreciating his own account:

"I, with twenty-six companions, went to Malacca where, on arrival, I stayed on by myself for only a month, and then I headed back to Japan with one Jorge Álvares, who come from Freixo-de-Espada-Cinta. He was on board a ship of Simão de Melo, captain of the fortress, and was going there for trade. We had already been sailing for twenty-six days with only gentle breezes to move us when we saw an island known as *Tanixumá* [Tanega-shima], nine leagues south of the first point of Japanese land. We steered towards it and on the next day we found ourselves in the middle of the cove which is the harbour for the city of Guanxiroo, where the Nautaquim prince, out of curiosity, soon came on board. He was amazed by the equipment and sails as it was the first time such a ship had been seen in that land. For this reason, he was extremely pleased to welcome us and asked us several times if we would like to come ashore and do some trading with him, but

⁸ *Peregrinação*, chapters CXXXII-CXLIII (ed. cit. p.355-392).

Jorge Álvares and the other merchants refused because the harbour was unsafe for the ship, should there be a storm"⁹.

From Tanega-shima, he went back to Bungo where he took part in a revolt against the local "king". He went from there to the next city, Hiamangó where he found it difficult to sell the treasure he was carrying because of competition from the Chinese who also traded there. Meanwhile, a fierce storm struck, wrecking most of the ships anchored in the harbour and this depleted the merchandise and gave him an advantage in selling his goods. He left for the China coast two weeks later¹⁰.

In September 1551 we again find Fernão Mendes Pinto on his way to Japan, on board Duarte da Gama's vessel, with thirty other Portuguese. He was in Fucheu, the capital of Bungo, on 12 September, together with St Francisco Xavier who had arrived from Yamaguchi. He gives some very interesting information about the Jesuit saint's activities, particularly as regards his theological conflicts with the Buddhist priests¹¹. As Costa Pimpão noted, the aura of excitement associated with the Apostle up to the time of his death on the isle of Sanchoão, on 3rd December 1552, diverted the storyteller's attention from his own travels and so we do not know if he returned with him to Malacca or if he went on with Duarte da Gama to spend the winter in Siam¹².

A little while later Fernão Mendes Pinto, who had so far led such an adventurous life, took a step of the utmost importance by becoming a Jesuit, following a sudden religious experience.

⁹ Chapter CC (p.579).

¹⁰ Chapters CC-CCII (p.578-588).

¹¹ Chapters CCVIII-CCXIV (p. 608-635).

¹² *Loc. cit.*, p.xxxviii.

This sort of conversion was not uncommon in those days, but that of Fernão Mendes was of short duration.

In March 1554, our hero was in Goa, on his way from Siam. He had given up making very long journeys and, having a tidy sum in savings, he was pining for home with the aim of building a family life (he was about 42) and resting after so many years of starts and surprises in the Orient. He imagined "[his] fame and glory on entering Montemor with nine or ten thousand *cruzados*", as he wrote in a letter which he sent from Malacca to the Fathers and Brothers of the Company on 5 December of that year on the instructions of Father Master Belchior Nunes Barreto¹³.

While he was awaiting the boat to take him home, he went two or three times to the College of St Paul. He was motivated neither by devotion nor by any spiritual force; he simply wanted to see if his letters to S. Francisco Xavier had been answered. They were probably asking for repayment of the money he had lent him in Japan to build the church in Yamaguchi. On one of these visits, when he was talking to the fathers and brothers about his relations with the Holy Apostle, he was warmly received by the afore mentioned Father Master Belchior who, at long last, took him round the college. Fernão Mendes Pinto narrates:

"We arrived at the young boys' [college] and they were all dressed in the white cassocks of the Order and welcomed me with *Benedictus Dominus*. Our Father then made me realize how different those truths were from my lies and vain boasting. My confused state of mind kept me there for seven or eight days. The

¹³ See Christovão Ayres, *Fernão Mendes Pinto. Subsídios para a sua biographia e para o estudo da sua obra*. Lisbon, Typographia da Academia, 1904, p.60.

Devil, knowing the sacred desire God was allowing me, put before me love of money and fondness of precious stones and that I should be content with a happy marriage, in such a chilling way..."¹⁴.

Even then the state of grace had little impact! Then came the news that the incorrupt remains of S. Francisco Xavier had arrived in Goa. Invoking his old friendship with the Holy Missionary, Fernão Mendes Pinto offered to go with Father Master Belchior to receive the revered relics, using a pinnacle that Viceroy D. Afonso de Noronha had placed at their disposal. They met the vessel bearing the remains about twenty leagues from Goa, close to Batalá. The sight of the incorrupt body, a sure sign, in his eyes, of the sanctity of the deceased and the omnipotence of God, fired a new religious fervour in Fernão Mendes, as well as a spirit of repentance that, in such an eventful life, he was unable to ignore:

"As I saw him [the body of the Saint] then I kissed his feet with many tears, remembering what we shared in the past. There I felt like renewing my first wish, to serve my Lord by leaning towards that Company bearing the name of JESUS, since here I am sure that if I persevere my sins will be forgiven"¹⁵.

¹⁴ *ib.* p.60-61.

¹⁵ *ib.*, p.61 Note that Father Francisco de Sousa's account tallies exactly with this (*cf Oriente conquistado a Jesus Cristo...* Introduction and review by M. Lopes de Almeida. Porto, Lello & Irmão, 1978, p. 602-603). Of more importance, though, as an attestation of this account is the letter written by Brother Aires Brandão (in Goa) to the Fathers and Brothers of the College in Coimbra on 23rd December 1554 (*Documenta Indica*. Ed. Joseph Wicki, S.I. Romae, apud *"Monumenta Historica Societatis Iesu"*, 1954, vol. III (1553-1557), p. 178-181.

The festival held at that time in Goa on 16 March was ceremonious and boisterous. Possibly in order to escape the noise and find a more suitable place for meditation, Fernão Mendes left the city and went with Father Master Belchior to a retreat known as Our Lady of Grief. It was here that he decided to join the army of Saint Ignatius.

His conversations with Father Belchior inspired him with a missionary zeal to preach Christianity in those lands where everyone believed that people were ready to receive the Word of the Prophet. On returning to the city, the Father went to visit the Viceroy, at the precise moment when – according to the chroniclers of the Order – he had just received a letter from the "king of Japan" (very likely the Daimyo of Bungo), expressing his satisfaction at the evangelical activities of the Jesuits there.

They then decided to set off and the Viceroy, on learning that Fernão Mendes was to accompany the priest, determined to send him as "ambassador", charging him to deliver his reply to the "king" of Bungo. Thus, according to Brother Aires Brandão, "there was to be no more detention or confrontation with the devil, he straightaway began to give away what he had earned by such hard work and physical and spiritual danger, giving much to the poor and to charitable works", besides freeing all his slaves. He used the remainder to buy "many valuable articles to take to the kings and princes of Japan"¹⁶. He only kept seven hundred thousand *reis* [obs. monetary unit] which he sent to his family back home, with the help of his colleagues in the Coimbra College.

A mission was formed comprising Fathers Belchior Nunes and Gaspar Vilela, Brothers António Dias, Belchior Dias, Luís Fróis, Estevão de Gois, Brás e Fernão Mendes and five other

¹⁶ *ib.*

young men, almost certainly catechumens. Leaving Goa, making their way via Cochim, on 16 April 1554, the missionaries arrived there after a very rough passage on the ship that carried the captain of Malacca, D. António Noronha. They waited for favourable winds and so were only able to sail for Japan on 1st April 1555. Fernão Mendes, meanwhile, did not cease in his extremes of charity and penitence, as witnessed by Father Belchior Nunes in his letter of 3rd December 1554 to colleagues in Europe and Índia or, according to other accounts, to Father Diogo Mirão who was the provincial of Portugal at the time¹⁷. It was not until 7 May 1556 that they were able to set sail for Lampacau on D. Francisco de Mascarenhas' boat. They arrived at some islands to the west-northwest of Tanega-shima after two weeks, and made port in the bay of Fucheu a fortnight later.

The eventful voyage to Bungo, can be followed through the letters of Father Belchior Nunes, Luís Fróis, Father Gaspar Vilela, and of Fernão Mendes himself¹⁸ who later recounts the incidents in chapters CCXX to CCXXV at the end of *Peregrinação*, where – as can be imagined – no vestige of the author's exciting experiences as a missionary has been missed out.

The "king" was not in his capital. He came back a few days later and was ready to greet the "ambassador" in a solemn ceremony in which the transposed European customs merged with the brilliant exoticism of the orient (at least in the telling of it). It is worth recalling the scene as narrated by Fernão Mendes:

"... and as it was two hours after midday the
King ordered me to be fetched by Quansió
Nafama, captain of the city, with four other

¹⁷ *Documenta Indica, loc. cit.*, p.132.

¹⁸ They have been collected and modernized, with meticulous bibliographies and historical notes, by Rebecca Catz (*Cartas de Fernão Mendes Pinto e outros documentos*. Lisbon, Editorial Presença, 1983).

senior courtiers, who, accompanied by many other people, took me to the palace; however they and I, with the forty Portuguese, all went by foot as was the custom, and all the streets through which we passed were very clean and neat. There were so many people that the escorts, who were gate-keepers with iron staffs, had plenty to do to make a path for us. Three Portuguese were carrying the gifts on horseback and, a little way behind them, were two skilled horsemen, very handsome with all their accoutrements. On arriving at the first courtyard of the palace, we met the King who was on a dias, specially constructed for the visit, flanked by his nobles and, amongst them, were three ambassadors from foreign kingdoms. These were from Léquios, Cauchim and the island of Tosa, and the other from Cubucamá, the Emperor of Miacco. And beyond this splendid courtyard there were over a thousand arquebusiers, and four hundred horsemen on protected horses, and beyond them were the ordinary people who, as I have said, I had not counted. I and my forty companions arrived at the dias where the King was; we paid him all courtesy and respect as appropriate on such an occasion. I approached him and handed him the letter from the Viceroy, upon which he rose to his feet, took it from my hand and returned to his seat and gave it to one Quansió Gritau, his secretary, and he read it aloud for all to hear. Afterwards he asked me, in front of the three ambassadors and the princes who bore him company, that out of curiosity he wished to know about our Europe, how many armed soldiers and protected cavalry, like those, can the King of Portugal put on the field? I, being afraid to tell him a lie, confessed that I was embarrassed to reply, upon which one of my companions who stood next to me, taking my hand, replied that it was a hundred to a hundred and twenty thousand.

The King was amazed, and I even more so. The King seemed pleased with the grand replies that this Portuguese was giving him, and questioned him for more than half an hour, leaving everyone present wondering at such magnificence, and he said to his people:

– I truly swear to you that nothing will give me more pleasure than to see the one who is monarch of this great land of which we have heard so much, both of its treasures and its vast fleets of ships, and thus my life will be spent in contentment.

I left at this point and I said to the others who went with me:

– When the moment seems right to you, tell the Father to come and see me because I have found much for him to hear, and to the all the others who came with him"¹⁹.

Diplomatic lies, as you can see, are not unique to our own times!...

The audience granted to Father Master Belchior a few days later was just as flamboyant with a procession being organized with the same forty Portuguese, "all were excellently turned out with necklaces and chains made from thick gold, slung across their chests, and four orphans with hats and cassocks of white taffeta, with silk crosses on their chests"²⁰.

The audience was friendly and the "king's" promises generous. Time was passing, however, without the facilities that had been so attractive at the beginning being realized. This was because of the pressure being exerted on the king, naturally, by the Buddhist priests. After two and a half months, Father Master Belchior, seeing that his being there was to no effect and excited

¹⁹ *Peregrinação*, p.672.

²⁰ *ib.* p.673

by the news that his brother, D. João Nunes Barreto, the Patriarch of Ethiopia, was to visit his Homeland, decided to go back to India to devote himself to evangelical work in the land of Prester John. The ambassador went with him, having meanwhile discarded the Jesuit robes, terminating a phase that, away from the fleeting and insubstantial conversion, not even apostolic zeal could nourish.

They left Bungo and came to Lampacau on 4th December. They left there in the week after Christmas for Goa, making port on 16 February.

Fernão Mendes told Governor Francisco Barreto about his mission and gave him the "king" of Bungo's reply and the gifts that he had brought. Francisco Barreto showed his gratitude by giving him documents attesting to the services he had rendered, armed with which he hastened to embark for Portugal, confident that with such testimonials he would easily secure generous recompense from his king for such prolonged labours. On 22nd September 1558, his yearning eyes opened to the beauty of Lisbon harbour.

Scant attention was paid to his appeals and petitions. Disillusioned and impoverished, he then went to live in Almada, on the Quinta do Pragal. He married Maria Correia de Brito and gave himself over to the administration of the goods that he had, for sure, managed to salvage. Between 1570, or thereabouts, and 1578, while working for the homeless and underprivileged as an almoner at the Hospital of St Lazarus of Cacilhas, he began to write his memoirs, arranging all his haphazard jottings into a proper chronicle. It was only by an Order of 15 January 1583 that he was granted a pension, in recognition of his services, of two *moios* [ancient unit of measure] of wheat, effective from the first day of that month. This was to be paid from the storehouse of Vila

de Almada. He was esteemed so little and so late; he died a bare six months later on July 8.

Since he had so little in the way of money or possessions to leave, his heirs were left the manuscript of the *Peregrinação*. It then passed to the Casa Pia das Penitentes Recolhidas da Cidade de Lisboa who, once the inquisitorial reviewer, Fr Manuel Coelho, approved the licence (dated 25 May of that year), set about getting it printed and published. This was only finalized in 1614 by Pedro Craesbeeck, for the royal bookseller, Belchior de Faria.

It was a considerable work, destined to make a huge fortune which has continued up to the present day without any sign of decline²¹. What kind of man was it who created it?

We do not find in Fernão Mendes Pinto a man whose culture was ruled by the models enshrined – or at least laid down – in Renaissance Humanism, whether through normal schooling or by stubborn self-educating. His reading²² sprang primarily from a need for information. This was determined or conditioned by force of circumstance and the necessity to complete, even fictionally, the data from an experiment. The reading was done, at best, simultaneously; more often it was afterwards; very occasionally, it had been planned beforehand.

To want to transform this cultural framework into humanist baggage, as Rebecca Catz did (*análise* pseudo-critique of *Peregrinação*²³), is to set the writer in a Judaic ideological matrix, versed in the exegesis of the Prophets and in the major moral and religious works of the Renaissance, merely to

²¹ Just when I was writing this, a new abridged version, in English, was given to me - *The Peregrination of Fernão Mendes Pinto ...* This Tale has been abridged and translated by Michael Lowery, introduced by Dr Luís de Sousa Rebelo and furnished with Illustrations. Manchester, Carcanet Press, 1992.

²² For an initial assessment of this see my Introduction, p.xxxiii-xxxv.

²³ See *A sátira social em Fernão Mendes Pinto. Análise crítica da "Peregrinação"*. Lisbon, Editorial Prelo, 1978.

proclaim the condemnation of the Portuguese "crusade" in the East. Or to see in him a spirit imbued with Erasmus, skillfully manipulating the precepts of Aristotle's *Rhetoric* in order to forge a technique capable of expressing the satire used to communicate that condemnation, is only acceptable in terms of pure speculation, without the least attention to the aims of the author's obvious ideological proselytism. White the ingenuity of this interpretation has to be admired, it must also be denounced as a historical untruth and a falsehood of cultural exegesis²⁴.

On the other hand, from what we know of the author, it can be concluded that we are not faced with a cavalier who left his native land for the Orient under the impetus of any crusading zeal. More wholesomely, we are dealing with a poor young man who, not wishing to be like so many of his contemporaries, living in the "misery and straitened conditions" of his origins, left in search of a better life, first in Lisbon and then in India, "randomly volunteered for whatever good or ill should befall", as he says at the end of the opening chapter of the book²⁵.

It was from his condition in life that the goal of improving it sprang. This was very common in the Portugal of the 1500s, as well as the spirit of adventure that was taken for granted and provided, giving life to the *Peregrination*. The significance of this emerges not only from its multi-faceted action, but also from the perspective that it creates of the different spheres of activity in which the Portuguese were involved in the East. These range from the more shameless crooked dealings to the resplendent mysticism of evangelism, evolving from a military occupation that was often a blend of heroism and cruelty, in a symbiosis that is not easy to disentangle and understand, neither then nor now.

²⁴ For the basis of my position, see my Introduction, p.xxxv-xlix.

²⁵ Ed. cit., p.14.

The *Peregrinação* was never a historical work. Research by people like Cristovão Aires, Father Georg Schurhammer or the Viscount of Lagoa²⁶, proves, with no room for doubt, that Fernão Mendes Pinto really lived through a great deal of what he relates. And comparison of the vivid adventure as told by the protagonist-narrator of the *Peregrinação* with what is known about this empirical author's life from documents, such as the two letters sent to the Jesuits or letters to Brothers Aires Brandão and Luís de Fróis and Father Master Belchior Nunes, backs up with solid facts the conviction that he deliberately set out to inspire his readers through being confronted with a detailed account that was, if not always totally factual, then almost always at least based on experiences, true or seemingly true. Even Georges Le Gentil, surely the most convinced champion of Fernão Mendes Pinto, the storyteller who was seduced by the human reality and the opulently exotic countryside, upon which he could construct a tale, regards the work as a "romance", but one which is both documentary and documented²⁷.

Perhaps the best position to take is the conception which Fidelino de Figueiredo uses as his starting point, calling the adventurer's account "self-worship"²⁸, thus seeing it, together with Costa Pimpão, as "a work of *imagination*, to line, symbolically, the essential truth". Historical and geographical values are easily outclassed by the romantic nature of the author's adventures, "through the wealth of creative

²⁶ Apart from works by the first two, already cited, see Father Schurhammer's *Fernão Mendes Pinto und seine "Peregrinação"*, in "Orientalia. Asia Maior", vol. III, Leipzig, 1926, p.71-103 and 194-207; and *Gesammelte Studien: Orientalia*. Rome, Institutum Historicum Societatis Iesu, 1963, vol. II.

²⁷ *Op. cit.*, p.237.

²⁸ Cf. De re japonica (*Evolução do japonismo literário português desde Fernão Mendes Pinto a Wenceslau de Moraes*), in "Vasco da Gama", Ano I, 1925-1926, p.202-219.

imagination, exoticism, the variety and picturesque quality of its images, through its inexhaustible descriptive power, through the marvellous and at the same time human combination of mystic excitement and moral nakedness"²⁹.

To write it, the imagination must have been enriched by memories, nostalgic longing, and a certain amount of narcissistic vanity as well as the tone of one seeking to hold himself up as an example. His life story, therefore, would be addressed first and foremost to those closest to him (in this instance, his children to whom he was bequeathing it "by letters for A., B., C") and later to the wider public. To gain authority, it was enough to have been born; to be allowed to criticize, either with impious satire or with bitter points of subtle irony, was justifiable on the basis of wisdom born of suffering and resigned disillusion that his long and errant life created, little by little, in his soul.

It can be understood, therefore, that the account of what he saw, lived through or afterwards imagined is a conspicuous opposite in relation to the heroic image created at the time through the collective actions of the Portuguese in the East and realized by individuals or small groups, accurately described by researchers such as Charles Boxer³⁰. But it should be understood that this did not result, either in relation to himself, or in relation to others, in a preconceived mental or ideological attitude, with an anti-hero aspect, to such a point that there is only the "anti-hero" where the literary creator saw or first imagined, at least as an artifice of literary contrast, the presence of a "hero".

²⁹ *Loc. cit.*, p.lxxiv and lxxiii.

³⁰ See, among others of his works, "*Fidalgos in the Far East*. The Hague, Martinus Nijhoff, 1948 (Portuguese trans. *Fidalgos no Extremo Oriente*. Macau, Fundação Oriente/Museu e Centro de Estudos Marítimos de Macau, 1990).

The difference between the perspective of the narrator and his companions' points of view has, in my opinion, a simpler and subtler explanation. The fact is that Fernão Mendes was able to see himself in another person's situation, no matter how diverse this person's convictions, interests, habits, level or type of culture. Thus he had a multi-faceted vision of man and life that can only be described, culturally and anthropologically, as a form of cosmopolitanism. This was, in fact, an attitude highly characteristic of the Portuguese in their dealings with other men and other cultures. Therefore, his acclaimed literary work also acquired a profound and lasting meaning as a document representative of a particular era and way of thought. Although not History in the strictest sense, it has lent a generous perspective to the meeting of different cultures and made the world smaller as men came to understand and accept differences, to learn and show not just the good, but the bad as well.

Let us take a closer look at the Japanese case, since we intend to "peregrinar" all the way there from Montemor-o-Velho, near Coimbra.

According to Le Gentil, the work of Fernão Mendes Pinto put Japan on the literary map³¹. We might quickly add that it also became part of modern European knowledge from the moment that the author/narrator and his Portuguese companions brought an awareness of Europe to Japan. It is very important to stress that this reciprocal recognition was neither a fantasy nor an alienation from the political and social realities of the mid 16th century. The confrontation observed between the

³¹ *Op. cit.*, p. 209.

Peregrination and Japanese historical sources³² lets us confidently affirm that, despite distortions and exaggerations, the author did have direct knowledge of the country, frequently finding himself in physical danger. Thus, when recounting the disputes among local potentates in Fucheu during his second journey (chapter CC), he stated, unequivocally:

"I tell you this for I know the truth; both triumphs I saw with my own eyes and found myself there at the greatest risk"³³.

The elements of the diegesis can be merged into a new order which does not necessarily coincide with what actually happened. They can take a different form both in time and space. The topography, however, is real, the historical accounts are not imaginary and nor is the narrative. The latter may have been constructed from different elements so as to fit particular circumstances, but the essential truth, gained from experience, reiterates the value of this particular work as standing alone in relation to a society in a determined period. It expressed at the time a very particular way of thinking, even by European standards, and consequently portrayed an air of mutual curiosity between these two widely separated worlds.

³² Besides works already cited, especially that of Charles Boxer, see Luís Norton, *Os Portugueses e o Japão (1543-1600). Notas e documentos*. Lisbon, Agência Geral do Ultramar, 1952; Kuchi Matsuda, *Influencia de los Portugueses en la cultural japonesa de los siglos XVI y XVII*. in "Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa", Jul-Dec 1960; Joseph Franz Schutte, *Introductio ad Historiam Societatis Iesu in Japonia ...* Rome, 1968; Michael Cooper, *Rodrigues the Interpreter. An early Jesuit in Japan and China*. New York/Tokyo, Weatherhill, 1974; Armando Martins Janeira, *O impacto português sobre a civilização japonesa*. 2nd ed. Lisbon, Publicações D. Quixote, 1988; José Yamashiro, *Choque luso no Japão dos séculos XVI e XVII*. São Paulo, Ibrasa, 1989; Rui Loureiro, *Os Portugueses e o Japão no século XVI. Primeiras informações*. Lisbon, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1990; etc.

³³ Ed. cit., p.580-581.

This curiosity was to lead to the first visit by Japanese ambassadors to Europe, in 1583. The journey was described in detail by Father Duarte de Sande in *Itinerario de Quatro Principes Japoneses Mandados à Santidade de Gregorio XIII e de tudo quanto lhe sucededo na jornada até se restituirem as suas terras* [Travels of Four Japanese princes sent to his Holiness Gregory XIII and all that befell on the Journey until they were restored to their own country], published by the College of the Company of Jesus, Macau, in 1590³⁴.

To exemplify the use of this kind of factual *contaminatio* in the reconstruction of a reality from which fiction is not entirely absent, we will go back to the famous episode of the introduction of firearms. In a letter dated 6 June 1577, Father Luís de Frois transcribed the following statement made by Otomo Yoshishige, the king of Bungo:

"When the Portuguese ship was making its way from China to Japan I had with me, for three years, a Portuguese who had cured my brother, the king of Yamaguchi, of a wound caused by an accident with a musket".

We know from another letter by the same priest dated 16th November of the following year, that the Portuguese was called Diogo Vaz and that he had gone to Japan with Jorge de Faria when the king (by then 48 or 49 years old) was only 16. It can be said, then, that the accident happened in 1545 or 1546; in other words, during one of Fernão Mendes' voyages. Having witnessed the episode, or else hearing the story about Diogo Vaz, and certainly being deeply impressed by the receptiveness of the Japanese to the use of firearms – they were obviously aware of the

³⁴ A Castilian version appeared afterwards in the *Historia del Japón*, by Bruxeda de Leiva, and also in Latin (Antwerp, by Martinho Nutio, 1593).

implications as military equipment, and of the need to get to know these new lands and peoples – Fernão Mendes immediately recognized the value of the story as a point of convergence for the two civilizations. Instead of recounting the incident in a rather prosaic and plain style, he skillfully created an autobiographical tale where he is the protagonist in most episodes. A whole series of details, letters, dialogues, places and people he knew provided not only the authenticity of direct testimony, but also the unquestionable probative force of eye-witnessed facts. The same can be said of his last trip to Japan; its diplomatic aspect and the less successful missionary one are, if anything, even better documented thanks to the abundance of information contained in the Jesuits' letters and the historiography devoted to his missionary work.

It is certainly true that his knowledge of Japan is far more superficial than the data carefully recorded in the Jesuits' letters (from 1555 until the more complete edition printed in Évora in 1598 by Manuel de Lira)³⁵. But his account has the immeasurable advantage of combining reality with a dimension of adventure and wonder that hugely increased its appeal to the public.

The social and military organization, the political changes brought about by power struggles among the daimyos, family customs, ceremonies and festivals, the religious beliefs

³⁵ Published for the first time in Castillan in 1555 (Coimbra, João Álvares), entitled *Cópia de unas cartas de algunos Padres y Hermanos de la Compañia de Jesus que escribieron de la India, Iapon, y Brasil a los Padres y Hermanos de la misma Compañia...* they were republished, with additions, by João de Barreira, in 1562 and 1565. Shortly afterwards there appeared editions in Portuguese (Coimbra, António de Mariz, 1570 and Lisbon, by Simão Lopes, 1593). The most complete edition (from which, however, those of Fernão Mended Pinto have been removed) came out in Évora, in Manuel de Lira's printing press, in two volumes, entitled *Cartas que os Padres e Irmãos da Companhia de Jesus escreuerão dos Reynos de Iapão & China aos da mesma Companhia da India, & Europa, des do anno de 1549, até o de 1580..*

(particularly evident in the theological disputes between St Francisco Xavier and the Buddhist priests)³⁶ and, above all, the idiosyncracies of Japanese thought are all aspects which allow readers from any era to get to know a reality that is both strange and attractive, or simply attractive because it is strange.

The Japanese that Fernão Mendes set within the action of the pages of the *Peregrination*, are based on knowledge acquired during his four trips. They are friendly, welcoming people who like to socialize and who are possessed of an extraordinary facility for assimilating, without suspicion or reserve, anything new that arrives by the hand of foreigners. See how this short passage proves it:

"I have spent the whole of the twenty days following my arrival at the town of Fucheo happily answering the different questions asked by the king, the queen, the prince, and the lords, who had never had tidings of the wider world beyond Japan. I shall not bother to say what they asked me since they were matters of no importance and I do not think it would serve any purpose other than that of filling out sheets of paper with rather tiresome subjects. One can see by their festivities, temples, preparations for war and fishing and hunting, using goshawks and falcons as we do, (and I sometimes tried out my gun, killing many doves, pigeons and quail), that this is a prosperous land. The sight of a firearm was as much of a novelty to these people as it was in Tanixuma, and their reaction was something that I have not words adequately to describe"³⁷.

³⁶ See, particularly, Chapters CCXI to CCXII (p.620-635).

³⁷ *Ibid.* p.367-368.

There is a deliberate intention in this narrative to engage the reader's curiosity by being rather reticent and economical with the description!

On other occasions, however, the psychological view of Japanese society is given by a simple remark, discreetly integrated in the text as a kind of justification. An example of this is contained in the following description of what happened during his second trip:

"And as these Japanese prize honour so highly, more than any other nation on earth, this means that they will do their utmost to succeed in their objectives, letting nothing get in their way"³⁸.

It is virtually impossible to find anywhere in these adventures any comment that constitutes an outright condemnation of what he encountered. This is especially interesting when we know that Pinto, either as the principal narrator or through his words, spoken by one of his many characters, did not spare his countrymen the sharpest of criticisms. At most he would point out the differences and disagreements to highlight, by way of contrast, the realism that constantly conditions the viewpoint of the author/narrator and the perception of the reality which he seeks to present in his writing.

It is in the generous mutual understanding recorded in these and many other pages of the *Peregrination* that the first and most enduring form of cultural osmosis developed. Through these pages Japan and Portugal were brought together in spirit,

³⁸ *Ibid.*, p.582.

even when material interests or the proselytising faithful dug deep and wide ditches between them at times.

It is neither possible nor, indeed, moral to take my words today, in these circumstances, beyond a brief demonstration of the historical truth that Dr Viegas Abreu wished to present symbolically at this meeting. We wish to bring evidence of the ties that have, for four and a half centuries, brought together two geographically distant countries, with such different collective spirits to identify them, and lay it in the open in this propitious setting of the Seville Exhibition.

From a Portugal "almost at the very summit of all Europe"³⁹ represented in the title of this address by the symbolic synecdoche of **Montemor-o-Velho**, our ancestor came to the **Japanese islands**, taking and bringing Knowledge, with all its good and bad implications – as has been true since Adam and Eve took their first steps in Paradise (as told in the book of Genesis). Fernão Mendes Pinto becomes our model, then, in his travels and voyages over seas and continents in the 16th century. The weatherbeaten wanderer, tanned by wind and soaked by monsoon rains, whom only death can halt, Fernão Mendes Pinto, "made prisoner 13 times, sold 17 times, in parts of India, Ethiopia, Arabia, China, Tatory, Macassar, Sumatra and many other provinces of that oriental archipelago in a remote part of Asia and which Chinese, Siamese, ?Gueos? and ?Léquios? writers refer to in their geography as the Eyelashes of the World"⁴⁰. But they were afterwards projected into an almost mythical eternity by the hero of this *Peregrination* which, side by side with the *Lírica* and the *Lustadas* of Camões, the *Autos* of Gil Vicente, the historiography of Asia and the accounts of the

³⁹ *Os Lustadas*, III, 20, 1-2.

⁴⁰ *Peregrinação*, p. 12.

"História Trágico-Marítima", produced, in a timeless effort, the empathy that adventure, suffering and misery bring, as well as a comprehension and communion of humanity. Man, in his state as the "small, vile creature of the earth", creates and transforms within the vast embrace of cultures that was (and will continue to be!) the abundant spring where he can quench his insatiable thirst for building a World of the future every single day in History.

Composto e impresso na Secção de Offset
da Comissão de Coordenação da Região Centro

Concluído em Janeiro de 1993

Tiragem: 1000 exemplares



COMISSÃO DE
COORDENAÇÃO DA
REGIÃO CENTRO

